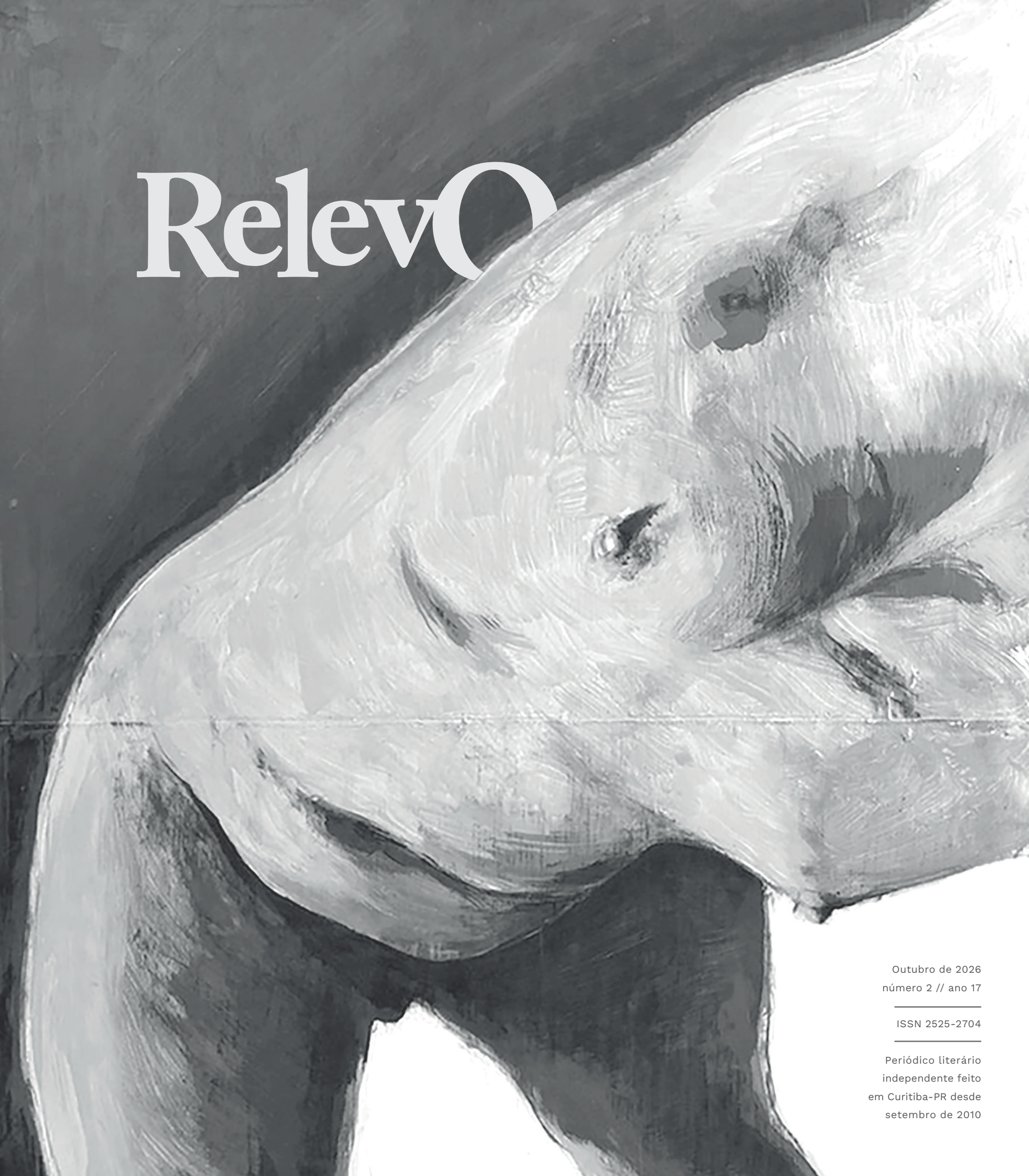




RelevO

Outubro de 2026
número 2 // ano 17

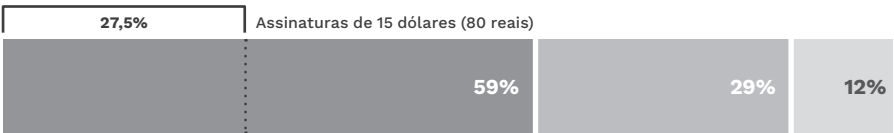
ISSN 2525-2704

Periódico literário
independente feito
em Curitiba-PR desde
setembro de 2010



DOS CUSTOS DA VIDA

RECEITA BRUTA



ASSINATURAS ● R\$ 6.510

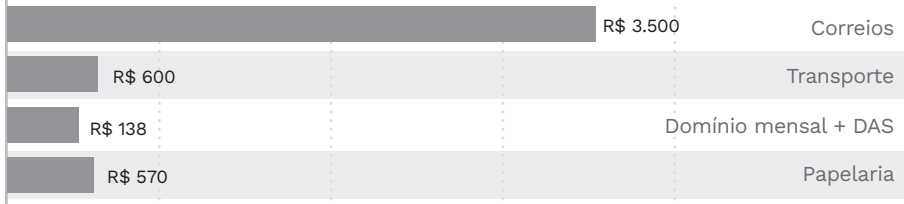
R\$ 80 João Luis da Silva Junior; Guilherme Lopes Freitas; Hemerson dos Santos Junior; Iara Maestrelli; João Sasek; André Nunes; Rubens Delfino Santiago; Lilian Guinski; Vinicius Guimaraes; Tânia Rego; Alessandro Atanes; André Craveiro; Ellaine Américo; Douglas Reis Silva; Diego Bittencourt de Oliveira; Fernando Faisca Rosa; Victor Wetter; Henrique Fendrich; João Batista Madruga Neto; Diego Bittencourt de Oliveira; Pedro Aragão; Gabriel Bartolomeu; Pedro Anselmo Carvalho Neto; Paula Calderón; Ivo Korytowski; Marcio Berclaz; Darson Porto Castro; Amanda Bittencourt; Walisson Oliveira; Rodrigo Maroja; Felipe Gollnick; Rafa Quintiniano; Catarina Lara Resende; Ana Raquel Santos de Moura; Henrique Santos; Giulia Skieres; Ben-Hur Demeneck; **R\$ 100** Maria Helena da Nóbrega; Kátilla Kormann; Livrarias Flanarte; **R\$ 100** Rômulo Cardoso; **R\$ 120** Maria Raquel Garcia; Yuri Silva Dutra; Vinicius Custódio; Rubervam Du Nascimento; Anderson Freixo; Antônio José Chaves; Vitor Zanirato; Alexandre Araujo; Shelly Boil; **R\$ 140** Lorena Cunha **R\$ 160** Douglas Domingues; Emerson Gontijo Penha; Fábio Dobashi Furuzato; Bruno Budin de Menezes; Guilherme Alpendre; Cecília Polycarpo; **R\$ 200** João Paulo Vani; **R\$ 360** Elsa Cubas; **R\$ 400** Rinaldo Batista Pereira.

ANUNCIANTES ● R\$ 3.120

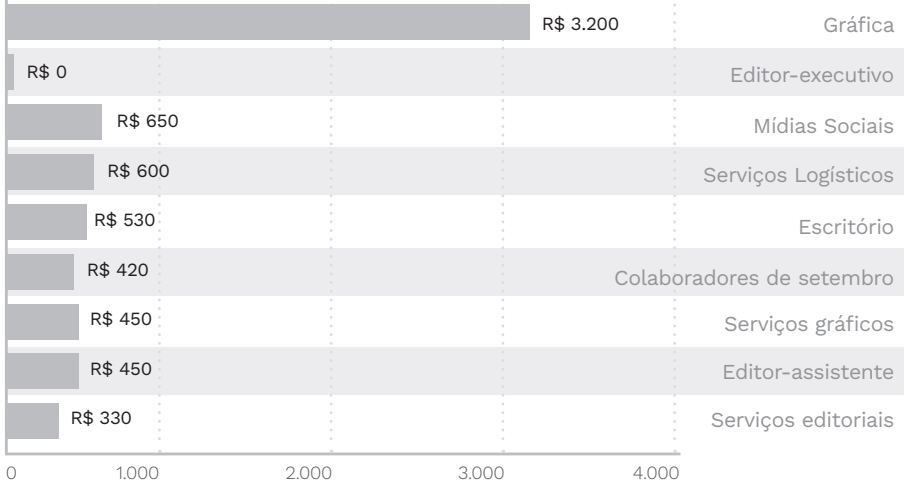
R\$ 50 Livraria Maria e Francisco; Rede Macuco; **R\$ 70** Luiz Gustavo Vicente de Sá; **R\$ 100** André Giusti; Museu do Livro Esquecido; Itiban; **R\$ 200** Alvaro Divardin; Editora Litteralux; **R\$ 300** Luis Felipe Mayorga; Elisa Goltz; **R\$ 450** Maniacs; **R\$ 1.200** Filipe de Natal Gaspari.

CONSULTORIAS ● R\$ 1.400

CUSTOS ADMINISTRATIVOS E VARIÁVEIS



CUSTOS FIXOS



ARMAÇÕES & MANCADAS

- Entradas totais: R\$ 11.030
- Saídas totais: R\$ 11.438
- Resultado operacional: R\$ -408



EXPEDIENTE

Outubro 2026



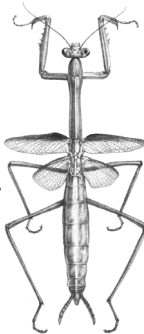
Editor Daniel Zanella
Editor-assistente Mateus Ribeirete
Ombudsman Thainá Carvalho
Revisão Samanta Maia
Projeto gráfico Bolívar Escobar
Logística Damaris Pedro
Advogado Rafael Estorilio
Impressão Gráfica Exceuni
Tiragem 5.000

NESTA EDIÇÃO

Sylvia Plath (Trad. Rodrigo Maroja) *p.6* Felipe Hourcade (Trad. Catarina Lara Resende) *p.8* André Giusti *p.10* Cecília Polycarpo *p.11* Lis Guedes e Leah T. Williams *p.16* Beatriz Sarlo (Trad. Karina de Castilhos Lucena) *p.18* Óscar Limache (Trad. Alessandro Atanes) *p.20* Paulo César Pinheiro e Maurício Tapajós *contracapa*

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Rafael Estorilio
Celso Martini
Rômulo Cardoso
Felipe Harmata
Amanda Vital
Whisner Fraga
Fernanda Dante
Nuno Rau



Edição finalizada em 30 de setembro de 2026.



DAS OBRAS

As ilustrações da edição são de Iara Maica. Você pode conhecer mais do trabalho dele em iaramaica.com.br.



TIPOGRAFIA

A fonte usada para os títulos desta edição é a Akzidenz Grotesk Next (Bernd Möllenstädt e Dieter Hofrichter), uma nova versão dos caracteres originais publicados pela fundição Berthold Type em 1896.

ASSINE / ANUNCIE

O **Relevo** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.



PUBLIQUE

O **Relevo** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **Relevo** recebe ilustrações. O **Relevo** recebe fotografias. O **Relevo** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

NEWSLETTER

Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama *Enclave* e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.





CARTAS

1+1+1=4?!

NRIO • O texto é do T.S. Eliot, a tradução de Paulo Mendes Campos, a ilustração de Paulo Apgaua. Onde o Rodrigo Garcia Lopes entra nessa equação: 1+1+1=4?! Ele escolheu o texto, recortou o trecho, organizou a antologia de um poema só, é o editor convidado da última página? Não entendi.

Nota da redação: Nós também não entendemos!

Nota do diagramador: hehehe

Sara Tavares • Saudações! Lendo “O Mucomante”, do escritor Anderson Soares Freixo, publicado na edição de agosto, me veio à mente um episódio que me aconteceu semana passada e, se me permitem, gostaria de contar a vocês. Gosto de pensar que essa história é uma espécie de *feedback* incomum, e é também uma forma de me comunicar com quem se interessa por histórias. Estava eu na fila do caixa da lotérica, numa quinta-feira comum, a fim de resolver coisas às quais deviam ser resolvidas naquele dia. Quatro da tarde, sol quente. Quente além da conta. A tal sensação mística perpassou meu corpo. De vez em quando tenho essas sensações: algo me dizendo para arriscar. E dessa vez cedi. Arrisquei. Indiquei com a ponta do dedo, para a moça atrás do balcão, a raspadinha escolhida. Fui para a bancada de apostas e comeci a raspar. Raspava com a ponta oposta da caneta de metal, presa à parede por uma fina corrente, o jogo da velha naquele pedaço de papel. Dito e feito: ganhei. Dois reais e cinquenta centavos foi o meu prêmio, o valor da raspadinha. Troquei o valor por outra, afinal não estaria perdendo nada — ou quase nada —, e novamente ganhei. Raspei. Ganhei de novo. Mais uma, agora com um jogo diferente. Ganhei. No final, foram seis raspadinhas com um total de quatro premiadas, todas no valor de dois reais e cinquenta centavos. No fim, gastei o que ganhei e ainda tive que pagar um pouco mais. Já estava indo embora quando parei: iria comprar outra, estava com sorte, afinal. Então, comeci a pensar em como aquilo deveria ser uma jogada genial do time de marketing do jogo de apostas e raspadinhas e todos os tipos de jogos que existem grudados nos vidros dos balcões dos caixas. Dei meia-volta, peguei minhas tralhas e fui embora dali. Às vezes, a sorte é apenas

uma jogada de marketing. P.S.: esta edição de agosto está muito boa. Parabéns aos envolvidos! Com afeto.

Márcio Berclaz • Vocês merecem muito! A gente precisa é conseguir mais assinantes e fortalecer este maravilhoso projeto! Abraço!

Pedro Aragão • Obrigado, Jornal, por tudo! É uma alegria contribuir com este lindo trabalho.

Gabi Lins • Depois de uma noite + uma manhã de angústias existenciais, conheci o **RelevO** ao sentar no sofá de casa pra ler o “Jornal literário independente” que peguei na Livraria Maria e Francisco (um espaço mágico de resistência) em Amparo (SP). Revoltante perceber a recorrência do saldo negativo. Vou me programar para ajudar dentro dos meus limites. Vai me ajudar a compor a reconstrução da minha esperança pra rodar meus projetos pessoais, também de RESISTÊNCIA! Grifei uma porrada de coisa na seção das CARTAS (ed. jul/26), o correio elegante me pegou... dá pra sentir vida com um papel em mãos, que alívio! Que amor! Vida longa, parabéns aos envolvidos!

Marcelo Ferreira Ribas • A propósito, recebi ontem o **RelevO** de agosto aqui em Curitiba. Me senti afortunado, pois dessa vez não veio atrasado. E gostei que veio até um *flyer* de um rolê que eu não conhecia. Amo surpresinhas!

Célio Borba • Toda arte literária é algo que agrega conhecimento e saber. São culturas que nos capacitam muito mais, a ter mais nível de sabedoria!

Sebastião Amâncio • Parabéns pela iniciativa. Mentres pensantes não param no tempo.

FILME DO JORNAL

Luis Felipe Mayorga • Excelente, tudo o que precisávamos para ter esperança na melhoria da saúde do Jornal era vê-lo equilibrando perigosamente essa quantidade de projetos paralelos vendendo filmes e exibindo cafés. Por que não diversificar ainda mais? Estou reproduzindo chinchilas, por acaso vocês teriam interesse em assumir a distribuição?

Daniela Falcão • O texto sobre o filme, daqui, me deu vontade de assistir. Então contem-me como uma convertida! Vou ficar de olho pra quando liberar no YouTube porque não estarei em

Curitiba por estes dias. Mas já fica aqui os meus parabéns pela ação. Fazer arte é, no mínimo, resistir.

Mel Schaikoski • Olha, duvido que o filme seja melhor do que as reflexões que ele trouxe! Empatizei completamente com toda a vulnerabilidade lindamente exposta. Parabéns por se desafiar, apesar de todos esses pensamentos intrusivos que pipocaram por aí! Frequentemente sou acometida de grandes ideias, a maioria morre antes de nascer, na lama das expectativas e dos medos. Adoraria estar aí para tomar umas com vocês e prestigiar, mas não poderei, então fica meu abraço!

Vinícius Custódio • A citação do Cristiano Ronaldo foi fantástica, li com a voz dele e visualizando aquele *frame* de vídeo pegando o bicho, motivando o colega de seleção.

Bruna Lauer • Meu companheiro produziu um longa nessa mesma emoção deste texto e concluí que o audiovisual independente é realmente para os muito fortes ou loucos mesmo, rs. O curta já é um sucesso simplesmente por existir, mas espero que as pessoas gostem também e deem bastante risada na hora certa!

Gabriela Lagemann • Me vê mais uma newsletter, por ... Aguardando a internet nos deixar mais próximos para assistir ao curta aqui do Sul! Boa sorte na exibição <3

Deborah Trois • Adoro a escrita de vocês. A sério. Quando estiver disponível no YouTube, assistirei.

Eduardo Cavalcante • Parabéns por atravessarem o medo e concluírem o curta.

Vítor de Lerbo • Infelizmente, não conseguirei estar em Curitiba para o lançamento, mas fica o meu desejo de bons ventos (que levem as chuvas e as inseguranças embora) e a certeza de que será ótimo, dado quem está envolvido com a produção. Curioso para assistir. Sucesso!

Thaís Cunha • Já no aguardo da turnê internacional de *Colaboradores*. Vida longa, **RelevO**!

Mateus Senna • O esquisitinho que parece o Al Pacino jovem é muito engraçado.

Rafael Gayer Elhke • Eu achei o filme bem feitinho.

Leonardo Migdaleski • Les Cachaciers du Cinéma.

CRAQUE PEPECO

Deborah Trois • Se o Fluminense foi campeão invicto em 1993, o meu marido sabe muito bem a quem agradecer: Obrigado, Pepeco, por ter “adormecido” a defesa adversária!

CAFÉ DO JORNAL

Diana Joucovski • Vocês são muito aleatórios. Adorei!

Mateus Senna • Não vou querer, a não ser que publiquem meu poema!

Eli Carrias • Eu tenho um poema sobre café e cigarro! Se o Mateus Senna não mandar um, eu mando o meu.

Bolívar Escobar • Já provei e gostei! Uma dica: quem comprar em grãos, recomendo moer antes de preparar o café.

Rinaldo Batista • Essa embalagem do café do **RelevO** é verdade mesmo ou sou bobinho de acreditar? Acaso de verdade, digam-me como adquirir um pacote de grãos (prometo moer antes de preparar).

Bruno Greggio • Primeiro chocolate, agora café... assim não há quem consiga dormir. Vou ter que ler o jornal! 😊 (Em tempo: as opções seriam em grãos ou moído, certo?)

Gabi Ramos • Ah, pronto. Vou ter que comprar o café novo (junto com a *ecobag* que há séculos eu disse que ia buscar e não fui, tem que rolar!).

COPA?

Nicolas Rosa • Caros editores. Vi a edição sobre a Copa, que vocês graciosamente enviaram em meu correio. Eu amei as poesias e os trechos de prosas dos países da Copa. Foi uma ideia muito bacana. Mando-lhes um abraço, aqui de Salvador, na Bahia.

Tulio Murubudanga • O **RelevO** é o melhor Substack físico que eu conheço.

redemacuco.com.br
20 anos



APOIADORES



BANCA TATUI

bancatatu.com.br / Desenho por Ângela León

Em dúvida sobre suas próximas férias?



Visite a Pension Pötters em Essen, na Alemanha!

você tem
um livro de poesia?nós temos
seus leitoresenvie um email para
contato@fazia poesia.com.br
e inclua sua obra nos canais do portal Fazia Poesia

Quem escreve esses editoriais? É um mistério até pra nós aqui do RelevO.

www.jornalrelevo.com

EDITORIAL

Das diversas formas de dar errado para, quem sabe, dar certo

Não cansamos de lembrar de que há algo de economicamente irracional em manter, em 2026, um jornal de papel dedicado à literatura. O **RelevO** conhece essa constatação há 16 anos e, em vez de utilizá-la como argumento para encerrar as atividades, desenvolvemos o hábito de responder às dificuldades ampliando as possibilidades de prejuízo. Se publicar mensalmente um impresso gratuito já representa um desafio financeiro considerável, produzir um filme surgiu como uma consequência estranhamente natural. Não porque tivéssemos dinheiro sobrando, estrutura cinematográfica ou qualquer garantia de retorno, mas porque contar histórias sempre esteve no centro do que fazemos, mesmo quando elas resolvem escapar das páginas.

Em setembro, lançamos *Colaboradores*, nosso primeiro curta-metragem, uma comédia corporativa de 28 minutos sobre três colegas de RH tentando encerrar uma sexta-feira de trabalho. A primeira exibição reuniu entre 150 e 200 pessoas em uma noite curitibana de frio, chuva e 12°C, número bem superior às projeções pessimistas cultivadas pela equipe nos dias anteriores. Fazer uma comédia diante de uma plateia acrescenta à experiência um tipo particular de vulnerabilidade: qualquer problema de som compromete o ritmo, qualquer ruído atravessa uma piada e cada silêncio parece confirmar as piores suspeitas de quem está assistindo à própria obra cercado de desconhecidos. Houve risadas, porém, e aos poucos foi possível perceber que o público acompanhava os personagens e entrava na história.

É difícil chamar isso de sucesso sem recorrer ao vocabulário um tanto suspeito das retrospectivas institucionais. O filme funcionou, o evento teve público e ninguém precisou fugir pela porta dos fundos, o que nos parece uma medida razoável de êxito. Financeiramente, a história é menos entusiasmante. *Colaboradores* custou dinheiro para ser produzido, continua custando para ser exibido e provavelmente não oferecerá retorno financeiro no curto prazo, a menos que algum executivo da HBO esteja lendo este editorial com o cartão corporativo à mão. Nesse aspecto, o cinema apenas se incorporou a uma realidade internamente conhecida: o próprio **RelevO** custa mais do que consegue produ-

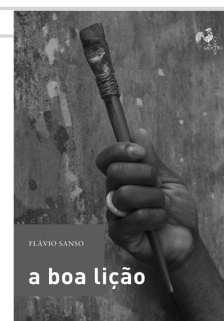
zir em receita e depende de um equilíbrio mensal no qual pequenas oscilações são suficientes para transformar tranquilidade relativa em preocupação concreta.

É neste ponto que um jornal independente deixa de ser apenas um jornal. Ao redor das páginas impressas existe uma pequena cadeia formada por escritores, artistas, jornalistas, fotógrafos, diagramadores, músicos, cineastas, bares, cafés, livrarias, leitores e pessoas dispostas a trabalhar, colaborar ou simplesmente aparecer. Uma publicação como o **RelevO** não movimenta grandes cifras, mas movimenta gente, constituindo uma forma de economia cultural. O dinheiro é indispensável — romantizar sua ausência seria uma irresponsabilidade —, porém o resultado de um projeto dessa natureza não pode ser medido exclusivamente pelo que permanece no caixa ao final do mês.

Depois da estreia, *Colaboradores* seguirá para outras sessões, e uma delas coincidirá com o lançamento oficial de um café do **RelevO**, porque em algum momento nos pareceu perfeitamente razoável que um jornal de literatura também tivesse seu próprio café. A aparente dispersão talvez revele, na verdade, um método de sobrevivência: o jornal leva ao filme, o filme reúne pessoas, as pessoas ocupam um espaço, o espaço permite outra parceria e uma iniciativa ajuda a sustentar ou provocar a seguinte. Nem todas dão certo, algumas certamente dão prejuízo e outras existem apenas porque alguém decidiu realizá-las antes de perguntar se eram economicamente sensatas.

A cultura independente costuma funcionar dentro dessa contradição. Precisa de planejamento, dinheiro e profissionalização, mas também depende de certa disposição para começar coisas cuja recompensa não está assegurada. Depois de 16 anos, seguimos essencialmente aquilo que éramos no início: um jornal de papel dedicado à literatura. O que mudou foi a compreensão de que as páginas podem funcionar menos como fronteiras do que como ponto de partida. Se existe alguma engrenagem possível para continuar fazendo cultura a partir de um impresso mensal, é porque sempre aparece uma maneira nova de dar errado.

Uma boa leitura a todos. ®



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro *Viva Ludovico*, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com

BONS
VENTOS
trazem
BOAS
LEITURASEDITORIA MOINHOS
.COM.BR

© EDITORIA MOINHOS



Acho que entendi o que é pra fazer

Thainá Carvalho

Quando vi o convite do Daniel Zanella, editor-chefe do maior jornal literário falido do país, para receber o bastão de ombudswoman de Priscila Branco, escritora, editora e pesquisadora vegana que pinta divinamente um urubu em acrílica sobre tela, pensei “opa”.

Isso aqui, rapaz, é pra quem ama reclamar. E eu nasci pra reclamar. Além disso, sou sergipana radicada em Brasília, colagista, escritora, editora da *Revista Desvario*, colunista da *Revista Cassandra*, co-organizadora do Sarauê/DF, enfim, essas coisas de minibio que não são unanimidade no RelevO.

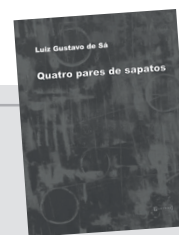
Precisei me atualizar dos barracos ocorridos nas últimas edições para poder reclamar direito. Podem até me acusar de sororidade, mas nossa última ombudswoman sempre esteve certa. Acho até que ela me deixou pouca coisa pra tentar ajeitar nessa bodega.

Fato é que a manutenção da ouvidoria em um jornal literário impresso e digital segue merecendo fortes aplausos e assobios em uma sociedade que não necessariamente sabe assobiar sem tutoriais do TikTok e vem crescentemente consumindo informação no formato digital, onde a mensagem pode transitar entre emissor e receptor sem mediações cuidadosas. Embora se fale muito sobre alcance no âmbito das estatísticas de redes sociais, a temporalidade exígua do diálogo gerado por um conteúdo digital enseja

uma provocação no sentido de compreender a reverberação da mensagem.

Dentre a miríade de coisas que podem ser feitas nessa coluna com nome chique, recapitular a edição do mês anterior para trazer um apanhado das perspectivas de diálogo entre pessoas leitoras e escritoras é não somente uma forma de mediação da mensagem do RelevO, mas de construção de um micro-arquivo e manutenção da memória do conteúdo, que reverbera no próprio processo editorial. O diálogo não morre no *comment* ou no *like* e a mensagem não se resume ao número de repostagens, que pode ser tão irrisório quanto a finitude de uma ombudswoman. Mas o conteúdo da última edição do Jornal atua como sua própria ferramenta de análise de desempenho em um uso prático das possibilidades de construção de um arquivo literário, impresso ou digital.

Dito isso, não terminei de ler a edição de setembro e, portanto, não posso fazer uma recapitulação que preste. Então, só me resta mesmo reclamar, que é, afinal, minha função. Gostaria de reclamar que, embora o leitor Luis Felipe Mayorga tenha demonstrado carinho pela foto do senhor infartando com as contas no vermelho na página da prestação de contas, precisamos diversificar a representação de gênero da falência por meio da inclusão, em alguns meses, da imagem de uma senhora infartando.



Ao interpelar uma amiga a respeito de seus quatro pares de sapatos, o Sr. Keuner, da obra de Bertold Brecht, recebe como resposta: “eu tenho quatro tipos de pés”.

Assim como nossos pés percorrem diversos caminhos e necessitam utilizar adequados pares de calçados, os poemas de *Quatro pares de sapatos*, ao esquadriharem os cômodos da casa, as ruas, os campos e as veredas da memória, fazem uso de diferentes tipos de olhares. Nos “lugares comuns”, o cotidiano aparece com suas contradições — o calor insuportável do verão, as manias, as coleções de objetos inúteis, o homem-placa que atravessa a cidade.

Quatro pares de sapatos

Luiz Gustavo de Sá

R\$ 56 (100 páginas)

7letras.com.br/livro/quatro-pares-de-sapatos/

HE por Cami CHO
Cerâmica Artesanal Brasileira
hechoporcami.com @hechoporcami

Editora
Litteralux
Porque livros iluminam
www.editoralitteralux.com.br

+ de 1.700 títulos publicados desde 2012



[/o/EditoraLitteralux](https://www.instagram.com/EditoraLitteralux) [/litteraluxeditora](https://www.facebook.com/litteraluxeditora) [@editoralitteralux](https://www.twitter.com/editoralitteralux) litteralux@editoralitteralux.com.br

Quer publicar com a gente?

Escreva para:
originais@editoralitteralux.com.br

Preste atenção.

Existe alguém tomando decisões na sua vida que você não conhece.



A psicanálise costuma chamá-lo de inconsciente. Quero ser cupido do seu encontro consigo.

Elisa Goltz Kumov
Psicóloga e Psicanalista
CRP 08/43385





O Apelo da Juventude pela Paz Mundial: tradução e política em Sylvia Plath

Sylvia Plath Tradução de Rodrigo Maroja

Uma das facetas menos visitadas de Sylvia Plath é sua escrita política. A imagem cristalizada da poeta confessional, tantas vezes reduzida ao mito biográfico, obscureceu intervenções em que sua inteligência histórica já se exercia em esfera pública, voltada aos impasses do século. O manifesto aqui traduzido, publicado no *The Christian Science Monitor* em março de 1950, quando Plath tinha 17 anos e assinava ao lado de Charles Norton, surge no calor do anúncio da Guerra Fria sobre a intensificação dos trabalhos com a bomba de hidrogênio e no horizonte da recém-instalada política do terror nuclear. A juventude da autora não diminui a força do ato de escrita e, na verdade, amplia sua radicalidade. Em plena atmosfera do *macarthismo*, quando o pacifismo podia ser lido sob suspeita, insurgir-se publicamente contra a corrida armamentista carregava um peso político considerável.

O manifesto impressiona por recusar, já naquele momento, a gramática da dissuasão militar e por deslocar o debate para uma crítica do nacionalismo, da soberania armada e da ficção da segurança fundada na ameaça. Há algo notável em seu vocabulário de fraternidade internacional, próximo dos debates em torno do federalismo mundial no imediato pós-guerra. Não se trata de idealismo juvenil destituído de historicidade, mas de imaginação política em formação. O texto pensa a paz enquanto projeto histórico.

Essa peça inicial adquire ainda maior densidade quando aproximada de escritos posteriores. Em cartas reunidas em *The Letters of Sylvia Plath Volume I*, a guerra reaparece enquanto inquietação ética, em *Bitter Strawberries*, poema marcado pela sombra dos conflitos do pós-guerra, a crítica ao militarismo assume elaboração lírica; em textos tardios, o léxico da devastação persiste enquanto memória histórica. O manifesto, neste sentido, é o vestígio inaugural de uma continuidade que ainda hoje permanece subterrânea.

Essa leitura toca uma hipótese que atravessa, há tempos, meu trabalho sobre Plath; pensá-la não apenas sob o signo da autobiografia, mas enquanto agente histórica que elaborou, em múltiplos registros, as violências de seu tempo. Este documento, de certa maneira, desloca Sylvia Plath do enquadramento estreito da poeta trágica e a inscreve em uma história intelectual do século 20, que ultrapassa tragédias pessoais. Traduzir esse texto exigiu pensar a tradução em sua dimensão crítica, preservando, no ato da tradução, todo o seu vetor político. Um manifesto pacifista de 1950 chega ao presente cercado por novas guerras, novas tecnologias de destruição, novas pedagogias do medo. Sua reaparição em português não é neutra; participa daquilo que Walter Benjamin chamou de sobrevivência dos textos, quando o arquivo retorna não como relíquia, mas como interrupção do presente. Há, nesse gesto, um

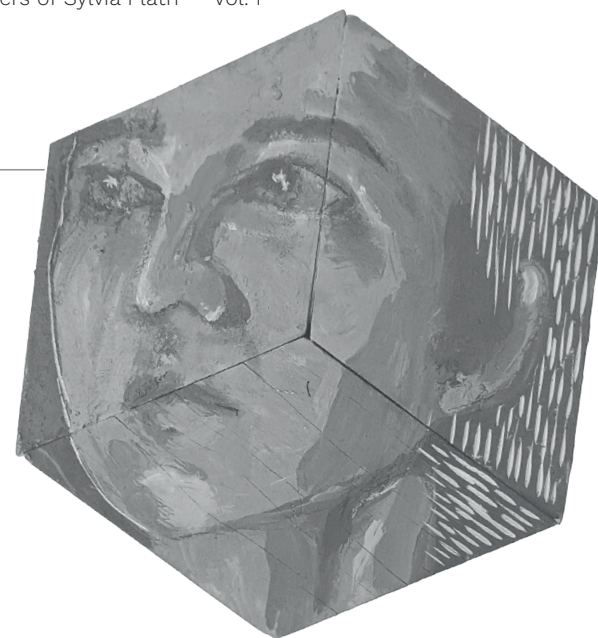
uso político do arquivo, assim como houve anteriormente, quando foi postulado. Para tal, busquei preservar a clareza argumentativa do original, mas também a energia de sua insubordinação. As perguntas lançadas por Plath e Norton, que segurança pode nascer do terror? que civilização se sustenta sobre o aperfeiçoamento da destruição? permanecem abertas, e a quem cabe respondê-las?

A presente tradução buscou preservar o caráter híbrido do texto original, sendo um manifesto político, apelo público e exercício retórico juvenil. Trata-se de uma escrita de persuasão, construída por perguntas sucessivas, encadeamentos lógicos e um vocabulário moral e político marcado pela conjuntura da Guerra Fria. Um dos desafios tradutórios esteve em manter a tensão entre clareza argumentativa e energia discursiva. O inglês do original sustenta uma prosa direta, mas cortada por abstrações políticas, *power politics*, *world security*, *world peace*, *humanitarian principles*, cujas equivalências em português exigiam cuidado para não neutralizar sua historicidade. “Power politics” foi vertido por “política de poder”, preservando a inscrição do termo no léxico geopolítico do pós-guerra; “world peace”, por “paz mundial”, evitando soluções mais universalizantes que esvaziariam o horizonte político do texto; um percalço particular residiu no termo *dread*, vertido por “pavor”. “Temor” parecia atenuar a violência semântica do original; “terror” aproximava o texto de vocabulários posteriores. “Pavor” preservou intensidade e contexto histórico. Outro ponto sensível esteve na sintaxe argumentativa. O manifesto opera muitas vezes por raciocínio hipotético e desmontagem de paradoxos, sobretudo no trecho dedicado à lógica da dissuasão nuclear. Buscou-se manter essa arquitetura, evitando simplificações que domesticariam o movimento dialético do texto.

Também mereceu atenção o registro do pronome coletivo *we*, recorrente ao longo do texto. Em vez de dissolver esse sujeito político em construções impessoais, a tradução procurou sustentar o “nós” como lugar de enunciação ética e geracional, central ao apelo pacifista dos autores. Há ainda um problema próprio à tradução de textos políticos do século 20, o risco de atualização excessiva. Resistiu-se aqui à tentação de modernizar o léxico ou aproximá-lo de debates contemporâneos. Interessa preservar o documento em sua espessura histórica, sem transformá-lo em paráfrase do presente. Assim, este trabalho dialoga com uma concepção de tradução próxima de Walter Benjamin, para quem a tradução participa da sobrevivência dos textos; com Virginia Woolf, cuja escrita vinculou linguagem e crítica da guerra; com Susan Sontag, para quem a responsabilidade intelectual emerge diante das representações da violência; e com Anne Carson, cuja prática tradutória faz da transposição um gesto crítico.

Meu maior medo é que, ao me olharem, pensem que nenhum pensamento sério jamais inquietou minha pequena mente.

The Letters of Sylvia Plath — Vol. I



Traduzir este manifesto implicou, portanto, não apenas verter um documento raro para o português, mas reinscrever em circulação um arquivo político eclipsado na recepção de Sylvia Plath. Se a crítica frequentemente reteve dela a figura da poeta trágica, este texto devolve uma jovem autora que pensava a paz, interrogava o militarismo e escrevia contra a naturalização da catástrofe.

Por fim, cito o verso de Ingeborg Bachmann para sua tradução de *Antígona*, a tragédia de Sófocles “I lose my screams”. E a resposta de Anne Carson em *Antigonick* “dear Antigone, / I take it as the task of the translator / to forbid that you should ever lose your screams”. Há nisso uma ética da tradução que me acompanha. Traduzir pode ser impedir um apagamento. Tantas escritoras cujas vidas passaram pela violência e o suicídio foram primeiro lidas enquanto caso clínico, sintoma, ruína, e só depois, por vezes tarde demais, enquanto pensamento, forma, intervenção. Sylvia Plath conhece intimamente essa captura. Sua recepção tantas vezes a encerrou em patologias, eclipsando a densidade histórica e política de sua escrita. Por isso, cara Sylvia, tomo como tarefa do tradutor proibir que você perca sua presença política e apresento para todos seu manifesto pacifista. Se traduzir pode resguardar gritos, pode também resguardar presenças. Trazer este manifesto ao português participa deste mesmo movimento; retirar Sylvia Plath do enquadramento estreito do estudo de caso e inscrevê-la no arquivo das escritoras que pensaram politicamente seu século, não para corrigir uma imagem de autora, mas para ampliá-la. Que essa tradução possa operar, ainda que modestamente, como recusa do apagamento. Traduzir este manifesto foi uma forma de impedir que essa jovem pacifista fosse soterrada sob as ruínas de sua própria lenda.

E então repito, cara Sylvia, tomo como tarefa do tradutor proibir que você perca sua faceta política. É sob esse signo que reaparece, em português, *O apelo da juventude pela paz mundial*.



O Apelo da Juventude pela Paz Mundial

Como uma das muitas vantagens de uma democracia é a liberdade de expressão, gostaríamos de aproveitar a oportunidade para manifestar nossa preocupação diante da orientação do Presidente à Comissão de Energia Atômica¹ para prosseguir seus trabalhos com a bomba de hidrogênio.

À primeira vista, parece contraditório empreender a construção de uma arma concebida para matar mais pessoas com maior eficiência e, ainda assim, sustentar que esse plano de ação é coerente com os objetivos de nosso programa de paz e segurança. Examinemos esse paradoxo aterrador.

A seguinte lógica pode ser utilizada para defender a produção da bomba H². Se a Rússia lograsse aperfeiçoar uma bomba mais poderosa antes de nós, muito bem poderia usá-la para nos destruir ou para nos intimidar até a submissão. Portanto, não devemos permitir que a Rússia se adiante. Mas, por outro lado, se nós, americanos, permanecêssemos um passo à frente³ da URSS,⁴ na produção de bombas, não haveria perigo de destruição, porque uma nação como a nossa, guiada por princípios humanitários, jamais seria a agressora e nem usaria a bomba para matar quem quer que fosse.

Teríamos, assim, a dupla vantagem de garantir a paz para o mundo e a segurança interna para nós mesmos.

Desejamos difundir a democracia e o sistema capitalista, pois acreditamos que nossa sociedade é mais próxima do ideal do que qualquer outra existente no presente. Certamente necessitamos de força para sustentar uma ordem política e econômica, mas a questão é: *estamos certos ao supor que essa força deva inspirar medo para ser eficaz? Não poderíamos alcançar a paz pelo poder de atração, em vez de pelo poder do pavor ou da repulsão?*

Ao postular que a posse da bomba H contribuirá para nossa segurança, recorremos à noção ingênua de que devemos possuir um poder militar “sem igual”⁵ para defender nosso Estado. Num primeiro momento, acreditávamos que a bomba atômica era uma ameaça suficiente para dissuadir qualquer defensor de novas guerras. Agora que a Rússia desenvolveu a bomba, a América não pode parar aí. Deve encontrar uma arma mais poderosa com a qual ameaçar seu inimigo. Deve dispor de um armamento ainda maior para manejar a política de poder. E, quando a URSS alcançar esse nível, não importa: sempre haverá um instrumento de destruição mais potente em elaboração. Mais uma vez, duas nações tentam alcançar o objetivo impraticável da supremacia mundial em reservas militares.

Já fomos bem-sucedidos em matar e mutilar uma boa parte da humanidade e, infelizmente, a destruição é sempre mútua. É de espantar, então, que alguns de nós, jovens, nos sintamos rebeldes ao ver a corrida armamentista recomeçar inutilmente? De quanta experiência ainda precisamos para perceber que a guerra não resolve problemas, mas antes os cria?

Um trunfo de qualquer nação é a energia potencial de sua juventude⁶. Por que não fazer mais para apoiar aqueles entre nossos jovens, homens e mulheres, que são essencialmente idealistas, acreditando firmemente nas possibilidades de uma paz mundial? Essas pessoas conseguem enxergar para além do dilema presente do nacionalismo, rumo à fraternidade fundamental de todos os seres humanos. Testemunhem-se a organização do Federalismo Mundial⁷... as experiências de convivência internacional. Esses movimentos, ainda que não realizem, e talvez não possam realizar, seus fins, exemplificam a poderosa esperança de paz mundial. Dediquemos nosso dinheiro e nossa energia à educação e ao fortalecimento dessa força positiva que nasce de nossos grupos de juventude, em vez de gastarmos nossas forças no desenvolvimento de armas que jamais planejamos usar. Para aqueles de nós que deploram a matança sistemática legalizada pela guerra, a bomba de hidrogênio, por si só, não é a resposta.

Youth's Plea for World Peace

Since one of the many advantages of a democracy is free speech, we would like to take the opportunity to speak out concerning the President's direction to the Atomic Energy Commission to continue its work on the hydrogen bomb.

At first glance, it seems inconsistent to undertake the construction of a weapon designed to kill more people more efficiently, and yet maintain that this plan of action is consistent with the objectives of our program of peace and security. Let us examine this apparent paradox.

The following logic may be used to support the production of the H-bomb. If Russia succeeded in perfecting a more powerful bomb before we did, she might very well use it to destroy us or to frighten us into submission. Therefore we must not let Russia get ahead of us. But, on the other hand, if we Americans remained one jump ahead of the U.S.S.R. in bomb production, there would be no danger of destruction because a nation such as ours, which follows humanitarian principles, would never be the aggressor or use the bomb to kill anyone. Thus we would have the double advantage of ensuring peace for the world and inner security for ourselves.

We wish to spread democracy and the capitalistic system, since we believe that our society is more nearly ideal than any other existing at the present time. Certainly we need force to sustain a political and economic state, but the question is: are we right in assuming that this force must inspire fear in order to be effective? Could we not achieve peace by the power of attraction rather than by the power of dread or repulsion?

In postulating that possession of the H-bomb will help our security, we are resorting to the naive concept that we must have a military power “second to none” to defend our state. At first we believed that the atomic bomb was sufficient threat to dissuade any advocate of further warfare. Now that Russia has developed the bomb, America can't stop there. She must find a more powerful weapon with which to menace her enemy. She must have an even greater weapon to wield in power politics. And when the U.S.S.R. catches up with her, no matter: there will always be a more potent instrument of destruction to work on. Once again two nations are attempting to reach the impracticable goal of world supremacy in military reserves.

Already we have succeeded in killing and crippling a good part of humanity, and destruction, unfortunately, is always mutual. Is it any wonder, then, that some of

us young people feel rebellious when we watch the futile armaments race beginning again? How much experience do we need to realize that war solves no problems, but creates them instead?

An asset to any nation is the potential energy of its youth. Why not do more to support those of our young men and women who are essentially idealistic, believing firmly in the possibilities of world peace? These people can see beyond the present dilemma of nationalism to the basic brotherhood of all human beings. Witness the organization of World Federalism ... the experiments in international living.

These movements, even if they do not and cannot fulfill their ends, exemplify the strong hope for world peace. Let us devote our money and our energy to the education and support of a positive force which comes from our youth groups, rather than spending our strength in developing weapons which we never plan to use. For those of us who deplore the systematic slaughter legalized by war, the hydrogen bomb alone is not the answer.

REFERÊNCIAS

PLATH, Sylvia; NORTON, Perry. Youth's Plea for World Peace. *The Christian Science Monitor*, Boston, 16 mar. 1950, p. 19.

NOTAS

1. Órgão criado nos Estados Unidos, em 1946, para administrar pesquisas e políticas nucleares no pós-guerra.
2. A bomba de hidrogênio (ou termonuclear) começou a ser desenvolvida pelos Estados Unidos em 1950, em 31 de janeiro, quando o então presidente Harry S. Truman anunciou publicamente a continuidade do desenvolvimento da bomba de hidrogênio no país, decisão tomada em resposta às crescentes tensões da Guerra Fria e ao avanço nuclear soviético. O texto dialoga diretamente com esse contexto imediato.
3. A expressão idiomática *one jump ahead* foi vertida em “um passo à frente”, preservando a ideia de vantagem estratégica.

4. Sigla para União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, principal rival dos Estados Unidos na Guerra Fria.
5. A expressão *second to none* significa “sem igual” ou “insuperável”, indicando supremacia absoluta.
6. A valorização da juventude e o apelo ao internacionalismo refletem correntes do pacifismo juvenil do pós-Segunda Guerra, articuladas em movimentos como o World Federalist Movement, que defendiam formas supranacionais de cooperação como alternativa ao nacionalismo militarizado e à ameaça nuclear.
7. Referência ao World Federalist Movement, que defendia instituições supranacionais como forma de evitar novas guerras após 1945.



Rodrigo Maroja (2000) nasceu e mora no Rio de Janeiro (RJ). É pesquisador e escritor.



Os bons modos

Felipe Hourcade Tradução de Catarina Lara Resende

*Quando o gato sai,
os ratos fazem a festa.*

Balzac, Eugénie Grandet

Carina passa o dia inteiro bebendo mate doce¹ em frente à tela do computador. Agora anda metida com esse negócio aí de Facebook. A verdade é que eu não entendo ela. Parece uma criança pequena. Pegou essa mania do computador, que é uma coisa que os meninos usam. A gente comprou pra eles, pra eles se divertirem. Outro dia, cheguei do trabalho de noite, como sempre, e ela me contou que a Magui e o Fer, nossos filhos, ensinaram ela a usar o Facebook. Depois disso, toda vez que eu chego, encontro ela na mesma posição: bebendo mate doce e olhando a tela. Eu só sento do lado e, de tão cansado que eu volto, não tiro nem o boné do trabalho. Espero ali, uma meia hora, uma hora, enquanto a gente come uns biscoitinhos ou pão com geleia que sobrou da tarde. Chego do trabalho com vontade de comer massa fresca ou bife de vitela. Mas, desde que começou isso do Facebook, ela já não me espera com comida pronta. Aí eu tenho que insistir pra ela sair do computador e ir cozinhar.

Estou de saco cheio. Outro dia fiquei fazendo hora extra no sítio, colhendo mirtilo, e, quando cheguei em casa, Carina estava em frente à tela bebendo mate doce e jogando no Facebook. Os meninos estavam fora, estavam na casa do Alan, o vizinho, brincando com os filhos dele. Eu já tinha deixado avisado, bem cedo de manhã, que eu ia voltar muito mais tarde do que o normal e que, por favor, ela comprasse comida pro jantar, porque na volta ia estar tudo fechado. Ela não comprou nada. E como não tinha mais nada pra mastigar em casa, tive que comer pão com queijo cremoso. Os meninos, por sorte, comeram na casa do vizinho.

Sento do lado dela e cevo o mate. Ela ri, põe música alta, me mostra os joguinhos do Facebook, e eu digo que não entendo. Ela entra no que chama de perfil de uma pessoa e me mostra as fotos. Outro dia entrou no perfil do meu irmão e tinha foto da família toda, até uma em que eu aparecia. Fiquei surpreso porque ninguém tinha me avisado nada. Então ela me contou que isso acontece quando você não tem Facebook. Eu disse que como eu ia fazer pra ter Facebook se eu não sabia ler nem escrever. Ela respondeu que assim eu nunca ia poder ter. Me doeu um pouco porque sei que, com a minha idade, é muito difícil aprender. Ela também me mostrou o perfil do meu sobrinho, o do Fer e o da Magui, e comprovei que todo mundo tem. Todo mundo, menos eu.

No sítio não vai ter trabalho por cinco dias. Só tenho que ir no sábado. Por um lado é bom porque fico em casa descansando, mas por outro não vou poder contar com o dinheiro que recebo por colheita. Por sorte, o Pablo, que tem a vendinha aqui do lado, me deixa pegar no fiado até voltarem a me pagar. Comecei a ir à escola noturna pra aprender a ler e escrever. Sou o mais velho da turma. Aproveitei os dias livres pra me inscrever, mas não sei como vou fazer quando tiver que voltar a trabalhar no sítio. Carina comemorou muito, tanto que nesse mesmo dia fritou sonho, de tarde, e de noite fez massa fresca. Eu gosto de ir pra escola, sair um pouco de casa. Os meninos ficam brincando com os vizinhos, quando saem da aula, e Carina não larga o computador nem por um segundo do dia, tirando quando chega alguma das irmãs dela com o livro novo da Avon e elas começam a falar dos produtos que vendem. Ela me disse que queria começar a vender também, mas depois disso nunca mais se animou. Pensando bem, isso foi justamente na época em que ela estava começando o frenesi com o computador. Lembro porque ela ficava me mostrando que conseguia escrever mais rápido no teclado do que antes, usando as duas mãos. Agora, pensando bem, além de aprender a escrever, pra jogar no Facebook também vou ter que colocar a mão no computador.

Parece mais fácil do que eu pensava. Outro dia cheguei da escola às dez da noite e sentei do lado de Carina. Tomamos mate doce em frente à tela do computador enquanto ela jogava no Facebook. Eu achava que ainda não conseguia ler. Mas esse dia percebi que sim, que alguma coisa eu entendia. Na parte de baixo da tela, tinha um retângulo, à direita, que ficava azul e o computador fazia um som na mesma hora. Toda vez que isso acontecia, Carina abria o retângulo. E aí fazia a festa com o teclado. Escreve que escreve. Estávamos nessa, quando me dei conta de que sabia ler. Foquei minha atenção no retângulo, enquanto escutava ela rindo ou falando pra si mesma. Alan Rojas, dizia o retângulo. Foi meio difícil, mas finalmente descobri que dizia isso, que eu não estava errado. O vizinho, eu disse em voz alta sem me dar conta. O que tem o vizinho? Não tem problema os meninos ficarem lá pra comer, eles vão

fazer pizza, ela me respondeu. Não, sem problema, mas o nome do vizinho está aí na tela, eu disse. Sim, é porque estou conversando com ele no chat, mas como você sabe que está escrito isso se você não sabe ler? Acabei de me dar conta, só agora, de que eu sei ler, te disse que estou aprendendo na escola.

Caminhei até a primeira rua cascalhada, onde termina o asfalto, pra pegar o ônibus do turno da tarde e ir trabalhar. Ainda faltavam dez minutos pra chegar. Fumei uns cigarros com meus companheiros, apoiado na sombra de umas árvores. Um calor insuportável. Os meninos iam passar o dia na piscina do clube e Carina, sei lá, mas certamente ficou trancada em frente à tela do computador tomando mate doce. Alguém abriu uma Manaos² de laranja que refrescou bastante enquanto a gente continuava esperando. Passaram 40 minutos e o ônibus ainda não tinha chegado. Aí ligaram pro celular de um dos homens e avisaram que o ônibus tinha quebrado e o turno de hoje ia passar pra amanhã. Nos despedimos e cada um foi pro seu lado, estava calor demais pra catar mirtilo e, quem sabe, pra consertar ônibus.

Fiquei surpreso de não encontrar Carina na sua posição habitual. Não estava em frente à tela, nem sequer estava tomando mate doce. Deixei o boné do trabalho em uma cadeira da mesa, sentei, e comecei a olhar. Na casa não entrava sol, estava frio. Depois de ter ido à escola por cinco dias, eu já sabia ler quase tudo. A primeira coisa que notei foi que “Facebook” não se escreve como se fala, se escreve muito estranho. Certamente está em inglês. Depois, vi que apareciam várias fotos e vídeos conforme eu mexia o mouse. À direita da tela estava o mesmo retângulo de sempre, o que tem o nome do vizinho. Dizia que já estava sozinho. Depois, mais embaixo, umas palavras com fundo azul, que supus que eram dela, ela que eu tanto tinha beijado e pra quem eu levava o pão de cada dia, que eram suas, suas palavras, as que li com sua voz e que nesse momento se dirigiam ao vizinho, umas palavras que diziam que ela já ia pra lá, que hoje eu trabalhava a tarde toda e que os meninos iam estar no clube, que ele esperasse por ela.

1. O mate doce é uma forma de preparar a infusão de erva-mate, popular na Argentina e conhecida por seu amargor, com açúcar, mel ou adoçante.
2. Refrigerante da marca argentina Manaos, opção econômica e muito popular no país (N.T.).





*Cuando el gato anda por los tejados,
los ratones bailan en el suelo.*

Balzac, Eugénie Grandet

Catarina Lara Resende (1998) nasceu e mora no Rio de Janeiro (RJ). É professora de português e doutoranda em Teoria da Literatura.



La Carina se la pasa todo el día tomando mate dulce frente a la pantalla de la computadora. Ahora, anda metida en el asunto ese del Facebook. La verdad es que yo no la entiendo. Parece una nena chiquita. Le agarró la manía de la computadora, que es algo que usan los chicos. Nosotros la compramos para ellos, para que se diviertan. El otro día llegué de trabajar a la noche, como siempre, y me contó que la Magui y el Fer, nuestros hijos, le enseñaron a usar Facebook. Después de eso, cada vez que llego me la encuentro en la misma posición: tomando mate dulce y mirando la pantalla. Yo me le siento al lado nomás, de lo cansado que vuelvo no me saco ni la gorra del trabajo. Espero ahí, media hora, una hora, mientras comemos galletitas o pan con mermelada que sobró de la tarde. Llego de trabajar con ganas de comer fideos caseros o bifés de ternera. Pero ella, desde que está con eso del Facebook, ya no me espera con la comida hecha. Entonces, yo tengo que insistirle para que deje la computadora y se ponga a cocinar.

Ya estoy harto. El otro día me quedé haciendo horas extra en la quinta, juntando arándanos, y cuando llegué a casa la Carina estaba frente a la pantalla tomando mate dulce y jugando al Facebook. Los chicos estaban afuera, en lo de Alan, el vecino, jugando con sus hijos. Ya le había dejado dicho, antes de irme, bien temprano por la mañana, que volvería mucho más tarde de lo normal y que por favor, comprara la comida para la cena, porque a la vuelta iba a estar todo cerrado. No compró nada. Y como no había otra cosa para masticar en toda la casa, tuve que comer pan con queso cremoso. Los chicos, por suerte, comieron en la casa del vecino.

Me siento al lado de ella y le cebo mates. Se ríe, pone música fuerte, me muestra los jueguitos del Facebook y yo le digo que no entiendo. Entra a lo que le llama el perfil de alguna persona y me muestra las fotos. El otro día entró al perfil de mi hermano Carlos y había fotos de toda la familia, incluso una en la que aparecía yo. Me sorprendí porque nadie me había avisado nada. Entonces, me contó que eso pasa cuando no tenés Facebook. Yo le dije que cómo iba a hacer para tener Facebook si no sé leer ni escribir. Ella contestó que así nunca iba a poder tener. Me dolió un poco porque sé que a esta edad me costaría mucho aprender. También me mostró el perfil de mi sobrino, el de Fer y Magui, y comprobé que todo el

mundo tiene. Todo el mundo, menos yo.

En la quinta no va a haber trabajo por cinco días. Recién el sábado tengo que ir. Por un lado, está bueno porque me quedo en casa descansando, pero por el otro no voy a contar con la plata diaria que recibo por cosecha. Por suerte, Pablo, el que tiene un almacén acá a la vuelta, me deja que le saque fiado hasta que me vuelvan a pagar. Empecé a ir a la escuela nocturna para aprender a leer y escribir. Soy el más grande del curso. Aproveché los días libres para anotarme, pero no sé cómo voy a hacer cuando tenga que volver a trabajar en la quinta. La Carina me lo festejó mucho, tanto que ese mismo día hizo bolas de fraile a la tarde y, a la noche, fideos caseros. Me gusta ir a la escuela, salir un poco de casa. Los chicos se la pasan jugando con los vecinos, cuando salen de clase, y la Carina no deja la computadora en ningún momento del día. Excepto, cuando llega alguna de sus hermanas con el librito nuevo de Avon y se ponen a hablar de los productos que venden. Me dijo que a ella le gustaría empezar a vender también, pero después de eso nunca más se puso las pilas. Si lo pienso bien, creo que eso fue justo en la misma época en que empezaba a hacer furor con la computadora. Me acuerdo porque me mostraba que podía escribir más rápido en el teclado que antes, usando las dos manos. Ahora, que lo veo más de cerca, además de aprender a leer y escribir, para jugar al Facebook también voy a tener que agarrarle la mano a la computadora.

Parece más fácil de lo que pensaba. El otro día llegué de la escuela a las diez de la noche y me senté al lado de la Carina. Tomamos mate dulce frente a la pantalla de la computadora mientras ella jugaba al Facebook. Yo creía que todavía no era capaz de leer. Pero ese día comprendí que sí, que algo entendía. En la parte de abajo de la pantalla había un rectángulo, a la derecha, que se ponía azul al mismo tiempo que la computadora emitía un sonido. Cada vez que eso pasaba, la Carina lo abría. Y ahí hacía furor con el teclado. Escriba que te escriba. Así estábamos, cuando me di cuenta de que ya sabía leer. Enfoqué mi atención en el rectángulo, mientras escuchaba que ella se reía o hablaba para sí misma. Alan Rojas, decía el rectángulo. Me costó un poco pero finalmente descubrí que decía eso, que no estaba equivocado. El vecino, dije en voz alta sin darme cuenta. ¿Qué pasa con el vecino? No tiene drama en que los chicos se queden

a comer ahí, van a hacer pizzas, me contestó. No, no pasa nada, pero el nombre del vecino está ahí en la pantalla, le dije. Sí, es porque estoy chateando con él ¿cómo sabés que dice eso si vos no sabés leer? Me acabo de dar cuenta, recién ahora, de que sé leer, te dije que lo estoy aprendiendo en la escuela.

Caminé hasta la primera calle de ripio, donde termina el asfalto, para tomarme el colectivo del turno tarde e ir a trabajar. Todavía faltaban diez minutos para que llegara. Fumamos algunos cigarrillos con mis compañeros, apostados bajo la sombra de unos árboles. Hacía un calor insoportable. Los chicos iban a pasar el día en la pileta del club y la Carina ni idea, pero seguro que encerrada frente a la pantalla de la computadora tomando mate dulce. Alguien destapó una Manaos de naranja que nos refrescó bastante mientras seguíamos esperando. Pasaron cuarenta minutos y el colectivo todavía no llegaba. Al rato, a uno de los muchachos lo llamaron por celular y le avisaron que se había roto y que el turno de hoy pasaría para mañana. Nos despedimos y cada uno se fue por su lado, hacía mucho calor para cosechar arándanos, y también, quizás, para arreglar colectivos.

Me sorprendió no haber encontrado a la Carina en su posición habitual. No estaba frente a la pantalla, ni tomando mate dulce siquiera. Dejé la gorra del trabajo arriba de la mesa y me senté a mirar. En la casa no entraba el sol, hacía fresco. Después de haber ido cinco días a la escuela, ya casi sabía leer del todo. Lo primero que noté fue que Facebook no se escribe como se dice, sino que se escribe muy raro. Seguro está en inglés. Después vi que aparecían un montón de fotos y videos mientras movía el mouse. A la derecha de la pantalla estaba el mismo rectángulo de siempre, el que tiene el nombre del vecino, pero esta vez en color blanco. Lo apreté para ver qué pasaba. Se abrió lo que supuse que era el chat, por lo que me dijo la Carina el otro día. Empecé a leer unas palabras que salían de la foto del vecino. Decía que ya estaba solo. Después, más abajo, unas palabras en fondo azul, que supuse eran de ella, a la que tanto había yo besado, a la que le traía el pan a la mesa todos los días, que eran suyas, sus palabras, las que leí con su voz y las que en ese momento se dirigían al vecino, unas palabras que le decían que ya iba para allá, que hoy yo trabajaba toda la tarde y que los chicos iban a estar en el club, que la espere.



Notícias de Inês

André Giusti

“Eu sempre fui doida pra dar pra você...”, e com o riso escorrido de malícia, Alda esticou-se nua na cama, ao meu lado, quando transamos pela primeira vez. “Mas, claro, por razões óbvias, eu não podia demonstrar”, e completou, misturando à malícia uma pitada de sonsice.

Eu também sempre quis muito transar com Alda, desde que fomos apresentados, mas, pelos mesmos motivos que os dela, mantinha a máscara e até evitava olhá-la mais detidamente. Quando o que impedia que fôssemos para cama deixou de existir, ficamos meses sem nos ver, talvez por capricho do destino que, quem sabe, pretendesse para nós um reencontro carregado de vontade e luxúria atrasados.

Então, casualmente, nos encontramos no Parque da Cidade. Eu havia acabado de correr e ela saía de uma aula de tai chi, a roupa de ginástica colada ao corpo, marcando as bem desenhadas formas de minha próxima amante, de acordo com a sentença do acaso. Senti que a vontade ainda existia, do meu lado e do dela.

A partir da sorte desse encontro, passamos a nos ver — e a transar — com razoável constância. Era um relacionamento cômodo para mim por causa do meu passado relativamente recente. Eu queria estar sozinho, sem me ligar a ninguém. E acho que Alda queria o mesmo. Parece que firmamos um acordo tácito, velado, não dito ou proclamado de que não teríamos compromisso, de que tudo entre nós ficaria sempre desse mesmo jeito e que a cama seria nosso único laço.

“Você soube o que aconteceu com a Inês?”, ela me perguntou um dia, nua, enrolada no lençol, quando já tínhamos uns dois ou três meses de jornadas sexuais. Não, eu não sabia, desde a separação eu não falava com Inês. Dividimos oito anos de nossas existências e esse era, enfim, o motivo pelo qual eu e Alda jamais tivemos qualquer envolvimento antes. Elas duas eram amigas. Bem, não sei se amigas exatamente, porque a gente nunca sabe quando há realmente amizade entre as mulheres. Mas eram próximas, colegas chegadas. Uma única vez perguntei e Alda garantiu que jamais havia falado para Inês sobre o carrossel de trepadas no qual nós dois havíamos subido. Da cama, e olhando o teto, perguntou: “Pra quê falar? Nenhum de nós três vai ganhar nada com isso”. Então, virou-se para mim em tom grave, com a boca exausta das perversões de meia hora antes, e quis saber: “Por que esse interesse se eu contei para ela? Você ainda sente alguma coisa pela Inês?”. A voz e a expressão de olhar com os quais ela fez a pergunta chegaram a me deixar em dúvida se o nosso pacto era realmente bilateral ou se apenas eu havia assinado o termo informal.

Fiz cara de que, para mim, era indiferente Inês saber ou não de nós dois. Quanto ao que eu sentia, quase respondi que sentia mágoa, muita mágoa, mas acabei deixando para lá. “O que aconteceu com a Inês?”, perguntei com o interesse cabível a um ex-marido. “Ela apanhou do namorado. Namorado ou apenas um cara com quem

ela vinha saindo, confesso que não sei direito”, explicou.

“Meu Deus...”, deixei escapar uma preocupação contida, imaginando que tipo de homem faria uma coisa dessas com Inês. Foi a primeira vez que, por iniciativa própria, Alda tocou no nome de sua amiga, ou colega, sei lá, por acaso minha ex-mulher, e veio logo com aquela notícia que, claro, em algum grau me baqueou. Se fosse com outra pessoa, eu já ficaria impressionado. Mais impressionante ainda foi saber que a mulher com quem vivi quase uma década de minha vida apanhou de um homem. Sem eu perguntar, Alda foi contando a história toda, que os dois se conheceram na fila do supermercado. O sujeito chegou para Inês cheio de galanteios e gentilezas. Elogiou a beleza e o vestido dela. Depois, gentil, carregou sua sacola de compras até o carro. Então o cara pediu o telefone dela; Inês não deu, mas aceitou sem titubear um cartão que ele lhe entregou, segundo o que Alda sabia. Era um cartão de uma grande rede de lojas de material de construção e, abaixo do nome do sujeito, o cargo: superintendente-executivo ou algo assim chamativo, imponente. “O cara tem um BMW que parece até uma nave espacial. Rubem é o nome do calhorda covarde”, Alda completou. “Ela telefonou dois dias depois para ele. Saíram para jantar”.

Alda estava mesmo por dentro, disse até o nome do restaurante. Era um ao qual Inês sempre quis ir, mas eu nunca a levei. Tipo de lugar que se paga uma fortuna e não se come bem.

Tudo isso já tinha cerca de meio ano e, pelo que Alda dizia, fosse namoro ou não, a coisa caminhava bem entre os dois. “Inês dizia que ele era extremamente bem-humorado, alegre, divertido, gentil. Que não reclamava de nada, para ele estava sempre tudo certo. Todos os amigos dela gostam dele. Quer dizer, agora, provavelmente não”, e Alda fez cara de pena da amiga. Contou que viu o sujeito em apenas uma ocasião, quando foram apresentados, e que teve a mesma boa impressão que os outros tiveram. “Mas quer dizer, então, que o *gentleman* divertido, de bem com a vida, lhe enfiou a porrada?”, intervi com raiva e ironia. A raiva era para o sujeito. A ironia era para a Inês, e tinha motivo, e o motivo era o pai da minha mágoa. “Sim, partiu um dente dela e quebrou-lhe uma costela. O soco, além de quebrar o dente, abriu um corte na boca. Ela levou cinco pontos”. “Por que esse estúpido fez isso?”, perguntei, olhando para o canto da parede do quarto. O que Alda contava remexia em certas lembranças do meu casamento. Elas iam e voltavam em minha cabeça redesenhando cenas de discussões, fundindo-se à minha imaginação que agora construía a figura de Inês de dente quebrado, lábio suturado e costelas enfaixadas, sentindo dor. “Ele teve uma crise de ciúme, achou que Inês tava dando pro vizinho com quem ela sempre encontra quando passeia com os cachorros. Surtou e desceu-lhe a mão, o escroto. Só tem psicopata”, Alda suspirou. “Eu não sou psicopata”, me defendi, mesmo que não tenha sido acusado de nada.

Eu pensava na vida e em como as coisas são. Inês sempre reclamou que eu era mal-humorado, ranzinza, que

reclamava de tudo e de todos, que fazia uma tempestade se alguém no trânsito não pusesse seta para virar. “Você é uma pessoa amarga, pesada de se conviver”, me jogou na cara na última noite de réveillon que passamos juntos. Nos separamos oito meses depois, por iniciativa dela.

Eu continuava olhando para o canto do quarto. Era como se ali houvesse uma pequena tela exibindo nossas brigas, nossos bate-bocas, mas também o simpático, gentil e bem-humorado cavalheiro lhe partindo os cornos. Nunca sequer xinguei Inês durante qualquer desentendimento, e olha que não foram poucos, quanto mais agredi-la. Alda dizia que Inês contava que o cara que comia ela agora era um sujeito leve. Pelo jeito, deduzi com deboche, a exceção eram as mãos, pesadíssimas.

“Ele foi preso, pagou fiança — claro, é rico, né? — e está respondendo processo em liberdade. A juíza determinou que não se aproxime da Inês”, Alda explicou, e ergueu-se. Ficou em frente a mim, na posição de lótus, a luz da tarde de sábado escorria em sua buceta lambuzada. Mesmo isso não foi capaz de tirar meus olhos do canto da parede, ao menos não por muito tempo.

“O que você está achando disso tudo? O que você está sentindo depois que te contei o que aconteceu com Inês?”. Havia uma certa apreensão em sua voz e na expressão de seu rosto, a expressão de quem interroga e não apenas pergunta.

Finalmente saí do canto e fiquei com os olhos nos olhos castanhos e bonitos de Alda, mas, na verdade, não os via. Estava com Inês no pensamento. Eu fazia questão de lembrar para mim mesmo que jamais sequer a xinguei durante todos aqueles anos, e agora ela estava ferida, chorando de dor, provavelmente a dor moral maior do que a física. “Você é uma pessoa amarga, pesada de se conviver”, e minha cabeça era uma caverna dando vida aos ecos do passado. “O que você está sentindo depois que te contei o que aconteceu com Inês? Hein? Responda...”, e a insistência de Alda também mergulhava na reverberação da caverna. Uma pessoa amarga, pesada, mal-humorada, mas de minha parte nenhuma ameaça, nenhum xingamento, nenhuma agressão, nunca. Acho que me sentia vazio, um vazio em que uma certa raiva tentava se criar. Alguma piedade existente em mim revelou um resquício de amor adormecido dentro de uma mágoa, mágoa que me impedia de responder exatamente o que Alda achava que eu deveria sentir e responder.



André Giusti (1968) nasceu no Rio de Janeiro (RJ). Mora em Brasília (DF). Além de escritor, é jornalista.



Cecília Polycarpo

A outra

a outra dormia no carrinho
e ela se aproximou
não para fazer carinho
mas para encher
a boca da irmã
de miolo de pão

ela não lembra
a mãe é quem gosta de contar
só sabe o que sentia no fígado
o ciúme que a escolheu
desde muito cedo

a competição
pelo copo rosa
a blusa rosa
a Rosa
que era quem cuidava delas

na maternidade paralela
a mãe acolhia outras crianças
as chamava de meus nenéns

enquanto as suas duas meninas
se machucavam no quarto

vou colocar vocês
em uma jaula
o pai dizia

cresceram boas pessoas
e inimigas

a mãe dizia baixinho
que morria de orgulho
da filha que escrevia
que também teve uma filha
uma

a irmã deixou a casa
por outra mulher
assinou o divórcio
envervou a grade
e escapou

Para-choque

a angústia bate
para-choque rachado
a mensagem sem resposta
virou uma raspada
na porta esquerda
e eu olho toda vez que entro
e lembro da garota
e do pai da garota
que gritava com a garota
que escapava pra lua
e amassou sem querer
o suv da frente
dano contra terceiros
não paga o sinistro
mas vai bater de novo
arrumar pra quê?
mais um machucadinho

O menino loiro

mamão tem gosto de vômito
e os chutes machucaram a fruta
que eu não queria ter levado para a escola.

guardei na boca do estômago
os chutes do menino loiro
que eu não conseguia
tirar da cabeça.

evitei mamão boa parte da vida
o chute voltou no estômago
quando minha filha
disse que não conseguia
tirar um menino da escola
da cabeça.



Cecília Polycarpo (1985) nasceu em Ceres (GO) e atualmente mora em Campinas (SP). É jornalista.



FIM DE JOGO

Em setembro de 2025, o RelevO decidiu entrar para o mercado mais promissor (e, *àquela altura*, consolidado) do país: o das bets, estimulando mais pessoas a abrir mão de seus respectivos futuros para movimentar a economia nacional. No caso, um único setor da economia nacional. Que não deixa nada na economia nacional e até, na verdade, tira bastante dela. Enfim, a proposta era interessante, nós não tínhamos senso moral e assim nasceu a MacBet, casa de apostas literárias em que leitores podiam arriscar tudo em escritores, livros, carreira acadêmica e outras modalidades igualmente temerárias. Criamos odds, campanhas publicitárias e regras de jogo responsável, afinal nos preocupamos com o... jogo... responsável. Algo assim.

[illegible]

INFORME

O RelevO informa que continuará aceitando apostas em literatura, também conhecidas como “publicar jornal impresso”.

Como tudo aquilo em que o RelevO toca dá errado, após um ano de operações absolutamente íntegras, idôneas e irrepreensíveis, a casa de apostas do RelevO caiu. Em razão de circunstâncias completamente alheias à nossa vontade – mais precisamente a vontade da República Federativa do Brasil –, o RelevO MacBet encerrará suas atividades com um inacreditável prejuízo. As más línguas diriam que conseguimos quebrar até um cassino, e a prestação de contas na página 2 dificulta nossa tarefa de camuflar a verdade. Pois a verdade é que compramos um circo e o anão cresceu. Na nossa vez, o saci teve duas pernas. E assim por diante. Abaixo, as medidas adotadas pelo nosso time para garantir um fim limpo e responsável para a MacBet:

Autoexclusão

Temos orgulho de anunciar que todos os usuários foram autoexcluídos simultaneamente, no que poderia ser uma boa trama de autoficção de algum autoescritor autoaficionado (pleonasmo?).

Período de pausa

Diferentemente das cobranças da gráfica, selecionamos a modalidade de pausa permanente.

Limites de perda

Com a MacBet encerrada, as perdas também acabaram. A MacBet é generosa!

Saque seu saldo

É zero. Provavelmente. Consulte seu agiota de confiança. Já perdemos o login.

Limites de login

Não haverá mais login, portanto também não haverá limite de login. Aproveitamos este espaço para esclarecer que não reembolsamos escritores: se você comprou um, ele é de sua responsabilidade. O famoso “leva pra casa”. Boa sorte.

Proteção de menores e maiores

Estão cancelados os planos Betinho, Betinha e Meu Filho Só Dá Green.



INFORME 2

Não aposte. Faça um prognóstico cultural mediante contribuição espontânea sujeita a retorno eventual.

INFORME 3

MacBet: onde a banca nunca ganha. Agora, definitivamente.



Controle de realidade

Novo recurso que informa periodicamente que: Você não está investindo. Você não está empreendendo. Você não descobriu uma renda extra.

Política de cashback

Se você tinha um saldo a receber na MacBet, não se preocupe: você continua vivo. Quanto ao saldo, veremos.

Central de atendimento ao usuário

Infelizmente, por força maior, não temos mais atendimento ao usuário. Gostaríamos muito de atendê-los, mas o governo nos impede de ter um central aqui. Sugerimos o envio de pombos-correio ou urros pela janela para obter a sensação de ser ouvido.

INFORME 4 OU ‘BETIÁRIO’

Também queremos anunciar a construção de um jazigo RelevO® para todos os influencers, apresentadores esportivos, tipster de Telegram, narradores que liam odds no meio da transmissão, veículos de comunicação, vendedores de cursos de apostas, podcasts esportivos patrocinados até a medula por bets, celebridades de reality show, subcelebridades de toda ordem, jogadores de futebol, presidentes de clubes de futebol, clubes que venderam cada centímetro disponível da camisa, agências de marketing de influência, produtores de conteúdo caça-clique, portais especializados em bônus, comparadores de casas de apostas, canais de prognósticos (não confundir com canais de pornografia, muito mais dignos), cantores da “música do Tigri- nho”, especialistas em “método infalível”, integrantes do movimento “Nós Apostamos no Brasil”, páginas de memes patrocinadas, perfis de “renda extra”, profetas do cartão amarelo no minuto 47 e toda sorte de demônios necromantes degenerados da maior estirpe que agora choram a torneira fechada do green.



Anotações sobre nosso curta-metragem



Em fevereiro, registramos a finalização de *Colaboradores*, dirigido pelo talentoso Cassio de Oliveira. No dia 17/09, aconteceu a estreia em Curitiba, na Macro Bar e Pista. Este texto foi enviado aos assinantes da newsletter uma semana antes do lançamento²:

Tratar deste lançamento envolve muita euforia e ansiedade, e escrever sobre essa experiência toda é particularmente complexo.

Sobre as dores e delícias da produção

O primeiro ponto: *Colaboradores* é, sem dúvida, o projeto criativo de maior envolvimento (dedicação, esforço, estresse) da minha vida¹. Bom, eu escrevi o curta. E, para azar do curta, atuei nele. E nada disso tomou tanto tempo de vida quanto produzi-lo. O que, na verdade, me estimulou muito.

“Produzir” é um termo vago, afinal a atividade é absolutamente diluída. Pode envolver desde a locação do set até a cotação da estampa da camiseta de um personagem. Toma tempo e gera estresse em múltiplas camadas de atuação, até porque envolve organização, orçamento, filtro de informação e constante tomada de decisão. Como toda produção (por exemplo, de um evento), tudo pode dar errado subitamente (e se a câmera estragar? E se a portaria não liberar nosso acesso? E se o refletor não chegar a tempo?). Sem mencionar que todo o processo envolve pessoas, essa camada adicional de incerteza.

No caso de *Colaboradores*, eu era o principal... *stakeholder*. Desculpa, o principal responsável. Afinal, era um projeto meu (e, sabemos, toda proatividade será castigada). Mais pessoas

trabalharam diretamente na produção do curta, o que me ajudou demais: Damaris Pedro e Nany Abish, além do próprio Cassio. Foi justamente a Damaris quem, em um dia, *agilizou* diversas possibilidades de locação para gravarmos, algo que já me tirava tempo (e sono). Um produtor é basicamente isso: um *agilizador*; alguém que resolve problemas.

- *E que locação encontramos — agradecemos mais uma vez à Brains Coworking, grande apoiadora do projeto, pelo espaço.*

Essa tensão diária é estressante, mas me apeguei a ela. Me motivava mais que os trabalhos com os quais me acostumei, sentado em frente ao computador, sem risco real a não ser o resultado momentâneo do sonho de outrem. Como éramos uma equipe enxuta, não consegui terceirizar completamente questões como objetos de cena, figurino e a logística geral (e, reforço, Damaris e Nany foram essenciais para dar conta de todas essas valências).

Dividir a atenção entre produção e atuação foi, portanto, um pouco mais incômodo. Ao mesmo tempo, me forçou a manter um distanciamento saudável da interpretação, o que no geral me parece positivo. Estou cada vez mais convicto na ideia de que o pensamento traz retornos decrescentes e que, portanto, pensar demais atrapalha. O ensaio era realmente um trabalho, e isso me afastou do hiperfoco em si mesmo do ator (e suas consequentes ladainhas — tanto faz se o personagem teve um cachorro na infância; concentremo-nos em fazer da cartolina uma cartolina crível).

De todo modo, meu rosto e minha voz estavam lá. Estarão lá. Na exibição do filme, vou experienciar um grau de vulnerabilidade realmente difícil de replicar.

**E N C L A V E**a newsletter do **Jornal Relevo**Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>**Sobre adentrar o processo de fazer**

Sei que, essencialmente, vamos expor meia-hora de audiovisual. Que a vida de ninguém ali dependerá disso. Que os amigos convertidos em espectadores lá estarão com alguma curiosidade, alguma expectativa, mas vão dormir e acordar do mesmo jeito. Que, se o curta abrir portas para os envolvidos, já teremos superado expectativas. Que o mundo vai continuar girando.

Porém, sair da apreciação para a execução é sempre doloroso. Qualquer envolvido com qualquer atividade criativa sabe disso.

Por exemplo, se você lê Nabokov e escreve, é natural frustrar-se por não ser Nabokov. O que não é problema algum: só existiu um Nabokov. Mas *comparar* o que você faz com aquilo que admira é sempre complicado — e inevitável. O repertório também aprisiona a seu modo, gerando uma frustração complicada de sobrepor. Como resultado, você trava. Se não posso ser Nabokov (ou Virginia Woolf; ou Debussy, van Gogh, Kubrick; ou...), não serei nada. E então nada faço.

Fazer é maravilhoso também por isso. O risco inevitável, a vulnerabilidade do ego. Nem sempre o melhor repertório traz o melhor resultado; aliás, também desconfio do retorno decrescente de influências para quem pretende criar algo (não para apreciar, claro; precisamos manter a cabeça arejada para sempre). Ao criar, no entanto, o filtro é tão importante quanto a absorção. Em algum momento você *precisa* fechar a casa e pensar “minhas ferramentas são essas, e com elas eu vou em frente”.

É complexo. No fundo você acredita genuinamente que está parindo o novo *Blade Runner*, até para motivar-se com o próprio delírio (motivação e delírio são, afinal, irmãos). Por outro, precisa calibrar expectativas e ater-se à realidade da circunstâncias (quanto antes, melhor — por isso pensamos desde sempre num *bottle episode*). E desaparecer. Como certa vez conclamou [*checks notes*]... Cristiano Ronaldo: “Anda a bater: tu bates bem; se perdermos, que se foda! Confiança, caralho!”.

Mas o **Relevo** gosta de realismo.

Sobre o risco de desastre

Indiretamente, ao convidar alguém para assistir ao filme, o recado que passo é: “por favor, venha ver o que eu escrevi,

atuei e dediquei um ano de vida para fazer acontecer”. E se ficar uma bosta?

Porque sou fatalista o suficiente para considerar que a exibição pode ser um desastre. Quase *gosto* de pensar na ideia, talvez como um tipo de terapia preventiva. É engraçado pensar: como posso ter dedicado tanto tempo, energia e atenção a algo e, ao mesmo tempo, existir a possibilidade de isso ser um verdadeiro desastre? *Trainwreck*, *bochorno*, *desastro*.

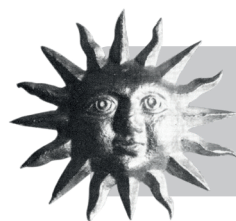
Por sinal, não acredito nisso. Tentei ser o mais cético possível em todas as etapas — e enxerguei um perfil muito parecido no Cassio —, então realmente amo o que criamos. Mas o que isso assegura? Quem garante que o envolvimento não cega? E se eu tiver simplesmente me apaixonado pela história, pelo processo, pelas amizades? Ademais, quem sou eu para me considerar imune a esse risco? Quantos escritores, músicos e diretores *verdadeiramente* geniais não passaram por isso, mas em escala muito maior? Com envolvimento maior, mais dinheiro, mais gente talentosa ao lado?

Existe uma chance real de exhibir um filme de comédia e, por meia hora, não ouvirmos nenhuma risada. Pode ser que chova muito em Curitiba, desanimando todo mundo e atrapalhando mais um evento do **Relevo**. Pode ser que o som não funcione bem. Pode ser que um grupo de desconhecidos fale muito alto e use o celular com luz alta e a gente não consiga exterminá-los a tempo. Pode ser que o filme seja simplesmente... muito ruim.

Pode ser algo extraordinário. Pode ser um desastre. Pode ser mediano. *Tende* a ser mediano? Tudo regride à média. Tanto faz: não no sentido de *não me importo*. Ao contrário. Quero que todos assistam, quero que todos amem, quero me tornar *showrunner* na HBO, quero ser adorado. Mas no sentido de *Quê Será, Será*. Assim, escrevi antes de saber: fazê-lo depois não teria graça.

¹ Eu, Mateus. Quem escreve *essa* newsletter não é o Daniel.

² Um segundo evento de lançamento acontecerá dia 17/10, no Royalty Café, em Curitiba. Mais informações em breve!



O Sul & as Margens

LITERATURA, MEMÓRIA E ESCRITA SUL-AMERICANA

Curadoria e tradução de Sofia Moura Donato

Lis Guedes

Trechos de *Vista pro Mar*

furo

é de outra ordem uma relação com alguém que pra existir se alimenta de suas entranhas. que pra nascer atravessa seu corpo-afora. é de outra ordem. quem chega no mundo e não te solta. tá ainda ligado pelo cordão. tá amarrado bem no meio da barriga. não despluga voluntariamente. é preciso que alguém corte. o símbolo é tamanho que a corda vira furo.

um furo no meio do corpo.

umbigo.

o sinal do desamparo de alguém que precisou abandonar o ventre. a cicatriz que denuncia que tu é gente só porque saiu de alguém.

nem mãe ainda sou

perninhas roxinhas em uma incubadora e o rostinho de um bebê decididamente forte. a voz me trazia notícias que pareciam vindas de muito longe longe tanto que mal escutei. falava e repetia ao ver minha cara de nada. as palavras distantes soltas longe foram entrando dentro perto juntas. *uti. respirar. horas. descanse. e cada vez mais perto mais nítidas e mais juntas. tá tudo bem, ele está com uma dificuldade, precisa de um tempo e ajuda pra respirar melhor, está sendo observado na uti, vai ser liberado quando normalizar. aproveita pra descansar.* descansar o que se a distância parece tanta se meu braço segue vazio minha barriga costurada e minha cabeça não me dá paz. sem cheiro de filho nem mãe ainda sou. chorei a ponto da maca voltar a tremer. e foi aí que percebi, retomando movimento, que ali era outro parto.

ainda assim não está

tento contar da minha névoa de agora.

da solidão interna da gravidez pois ninguém no mundo gerou essa criança específica exceto eu e isso é sozinho.

tento contar também do parto em detalhes minúsculos e da cicatriz grande que agora carrego pra sempre ainda que os pelos um dia cresçam por cima.

tento contar da vida que aqui esbarro, desse ser que agora conheço e de pouco em pouco me enche de estranheza e ternura.

contar que trago seu berço pra perto do meu lado da cama, pois tenho medo do vínculo que pode não existir só porque não saiu da vagina nem veio pro colo na hora imediata pós-parto. e de todas as coisas que parecem definitivas demais agora.

tento contar de todas essas bobagens que ouvi e dessas certezas absolutas, essa cartilha da mãe ideal que levarei algum tempo até rasgá-la dentro de mim.

tento contar do dia que o marido voltou ao trabalho e eu senti inveja de que ele pudesse ver gente. ele com roupa de treino no horário de almoço e eu de calcinha e sutiã jogada no sofá. achei tão injusto, chorei tanto que ele trancou a matrícula da academia por mais de mês. era seu único momento livre, me sinto ridícula pelo choro, acho mesquinha minha atitude. Mas, toda vez que ele faz dessas coisas por zelo e cuidado, eu sinto amor em mim crescer.

tento contar do grupo de puérperas que saí, pois sentia vontade de dar e me sentia sozinha nisso mesmo entre tantas outras. sexo não parece palavra boa de estar na boca de mulher de resguardo. paridas são todas sagradas mães de corpos inteiros inclinados aos frutos. eu aqui tão profana só penso em botar o carrinho no quarto do lado e dizer pro filho que depende deste corpo: *meu corpo não é todo seu. será isso falta de vínculo ou excesso de marido?*

tento contar do chiado que me acontece entre os ouvidos e, quando a memória some e não me lembro como se chama elevador, digo apenas *aquela coisa que sobe e desce*. dizem que é só o sangue da pelve que agora retorna ao cérebro, mas temo também que seja loucura.

tento contar dos meus medos. eles que são tão grandes. me ocupam tanto espaço. e, toda vez que saem da boca, parecem pequenos demais.

tento contar da sensação de ter seu corpo lavado a barriga despencada e a bunda murcha esfregados com sabão cheiroso. tudo limpinho e seco. o curativo trocado. e todo gesto de ser cuidada mesmo estando em pedaços.

tento lhe dizer que talvez nossa amizade não sobreviva que enxergo de perto o abismo que preciso que ela entenda o que acontece agora aqui. que me importo muito, mas se tomei banho foi sorte. falando parece exagero.

não sei se devia tentar falar tanta coisa pra alguém que pegou até avião pra estar aqui,

e ainda assim não está. ☀



“Transitando pela fronteira imprecisa da ficção e da autoficção, André Giusti relata, neste monumental romance, a crise do gato de meia-idade. Um personagem volúvel, por isso contraditoriamente fascinante”

Sérgio Tavares

Só Vale a Pena se Houver Encanto,

de André Giusti. À venda em www.caoseletras.com.br e na Amazon



Lis Guedes (1995) nasceu em Macaé (RJ) Formada em Artes Visuais pela BELAS (Escola de Música e Belas Artes do Paraná), mora em Curitiba desde 2018 e atua como fotógrafa, além de escritora. Lançou seu primeiro livro, *Vista pro Mar* (Urutau), em 2025, mas escreve crônicas sobre a maternidade desde 2024 em sua newsletter no Substack, a lisletter.

Em *Vista pro Mar*, explora o parto não apenas de seu filho, Jorge, mas o seu próprio enquanto mãe. Trilhamos com ela, fora de qualquer ordem cronológica, o caminho entre ser filha e se tornar mãe, mas também amiga e também esposa e também Lis. A autora fia e desfia o tempo, permitindo que mergulhemos nas suas experiências e provocando reflexões sobre as expectativas que ainda imputamos às mães.



Leah T. Williams

Trecho original de *Sweet Like Sugar Cane*

[...]

The two bags waited by the front door, holding everything that could be packed, but not everything that meant home. How could sixteen years of life be measured in airline weight limits?

Through the window, dawn painted the sky in shades of goodbye. Movement by the mango tree caught her eye. Lenwell stood there in the growing light, still as the mountains behind Lodge, watching her house like he could keep her there by the strength of his gaze alone. Sharon squeezed her hand under the table.

“Me go tell him you coming out?” Sharon whispered.

Gwen nodded, her throat too tight for words. She watched through the window as Sharon crossed the yard, as Lenwell’s shape became clearer in the morning light. He wore his uniform crisp and perfect like the suit from her mother’s funeral, each pleat sharp enough to cut paper, like he wanted her last memory of him to be something beautiful and precise.

Her father disappeared into his room while she walked out to where Lenwell waited.

The path to him felt longer than it should have, each step weighted with everything she couldn’t say. The morning air was thick, humming with the distant sounds of a world that hadn’t stopped for them—roosters crowing, a neighbor’s radio crackling to life, the rustle of wind through cane fields. But for her, for him, time had slowed, stretched thin like the space between them. She wanted to hold on to these last few steps, to delay the moment when goodbye would no longer be a possibility but a certainty.

Up close, she could see he hadn’t slept, could see how his hands shook slightly as they reached for hers.

[...]

As duas malas a esperavam na porta, cheias de tudo que se podia guardar, mas não de tudo que significava lar. Como poderiam 16 anos de vida caber dentro dos limites de peso de uma linha aérea?

Através da janela, o nascer do sol pintava o céu das cores do adeus. Uma movimentação perto da mangueira chamou sua atenção. Ao sol nascente, sólido como as montanhas atrás de Lodge, estava Lenwell, observando a casa como se pudesse mantê-la no lugar com a mera força do seu olhar. Sharon segurou sua mão embaixo da mesa.

“Digo a ele que você já vai sair?”, sussurrou Sharon.

Gwen assentiu, tinha um nó na garganta. Pela janela, ela viu Sharon atravessar o jardim enquanto a imagem de Lenwell ficava mais clara na luz da manhã. Seu uniforme estava impecável como o terno que usara no funeral da sua mãe, com cada dobra tão marcada que pareciam capas de cortar papel, como se ele quisesse que a última memória dele fosse de algo belo e preciso.

Seu pai entrou no quarto e desapareceu enquanto ela caminhava até onde Lenwell a esperava.

O caminho até ele lhe pareceu mais longo do que deveria, cada passo carregava o peso de tudo que não era capaz de dizer. O ar da manhã era denso, vibrando com os sons de um mundo que não havia parado para eles — galos cantando, o rádio de um vizinho chiando, o farfalhar do vento ao passar pelas plantações de cana. Mas, para ela, para ele, o tempo se alongava, tão tênue quanto a distância entre eles. Ela queria se agarrar a esses últimos passos, queria adiar o momento em que o adeus não seria mais uma possibilidade, mas uma certeza.

Tão próximos, ela podia ver que ele não dormira, que as mãos dele tremiam ao segurar as suas. ☀



Leah T. Williams nasceu e cresceu em São Cristóvão e Neves, no Caribe. Atualmente, mora na Flórida, EUA. Há mais de 20 anos, trabalha como professora de inglês, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Superior. A experiência em sala de aula atravessa sua obra: suas histórias são voltadas para crianças e adolescentes e têm como personagens principais jovens negros e caribenhos, valorizando suas experiências, culturas e histórias.

Entre suas obras estão *Neither Out Far Nor In Deep*, *Where Is Noemi*, *Where the Guava Tree Stands*, *Sweet Like Sugar Cane* e *Black Girls Day Off*. Em seus livros, explora diferentes formas de amadurecimento, como o pertencimento e as mudanças que atravessam as vidas dos jovens. Em *Sweet Like Sugar Cane* [Doce como Cana-de-Açúcar], Williams retorna a São Cristóvão de sua própria infância para acompanhar Gwendolyn Richards, uma adolescente de 16 anos que vive entre a escola, a amizade com Sharon, o primeiro amor por Lenwell e as relações familiares. Quando a doença e a morte da mãe mudam sua vida e seu pai decide enviá-la para Orlando, Gwen precisa se despedir da ilha onde cresceu.

O romance, prelúdio de *Neither Out Far Nor In Deep*, é uma história sobre memória, luto e pertencimento. A partir dos pequenos elementos da vida cotidiana como a comida, a escola, as relações entre vizinhos, os costumes e as paisagens, Williams faz questão de construir uma literatura em que a cultura caribenha seja parte essencial da identidade de seus personagens.



Sofia Moura Donato (2005) nasceu em Blumenau (SC) e mora em Curitiba (PR). É estudante de Jornalismo.

Grandes vozes
da América Latina
em português.

Destaques do acervo:

Conversas com
Mario Levrero

Pablo Silva
Olazábal

Os ditadores
latino-americanos

Ángel Rama

O mundo
de Então

Martín
Caparrós

A máquina
cultural

Beatriz Sarlo

Leia o
QR Code
e garanta **20%**
de DESCONTO
com o Cupom
“**RELEVO20**”



editoracoragem.com.br



editora
coragem



Trecho de *Cabeças raspadas e laços argentinos*

Presente na obra *A Máquina Cultural* (Editora Coragem, 2026)

Beatriz Sarlo

Tradução de Karina de Castilhos Lucena

A cartilha de leitura de primeiro grau era o único livro que havia então, em 1889 ou 90, na minha casa. Eu era a primeira dos filhos, então quatro, que ia à escola; esse era o meu livro, mas também o livro que minha mãe lia de noite. Não sei como me explicaram na escola a história do lavradorzinho, nem sei se explicaram. Naturalmente, vinte anos depois, se eu, como professora, tivesse que explicá-la, diria às crianças que se considerassem felizes, que elas não tinham que fazer como o pobre lavradorzinho, não tinham que pagar o professor e sair caçando perdizes para poder aprender a ler porque na Argentina tivemos Sarmiento. Mas nessa cartilha em que aprendi a ler, não se falava em Sarmiento e sim do sacrifício do lavradorzinho. De alguma forma, minha mãe deve ter pensado isso quando de noite, com dificuldade, decifrou a leitura que eu já tinha lido na escola de manhã. Minha mãe lia bem, mas tropeçava em algumas palavras: era italiana, tinha chegado na Argentina muito pequena, se casado aos quinze anos com meu pai, que era galego, e desde então tinha tido quatro dos oito que seriam seus filhos. Italiana, loira e fina, do Norte, piemontesa, de olhos claros, pele transparente; falava sem sotaque, tinha esquecido completamente o italiano, não queria lembrar, não queria lembrar de onde tinham chegado os Boiocchi para trabalhar como jornalheiros e empregadas. Ernestina Boiocchi, se chamava minha mãe; seu marido, meu pai, tinha lhe ensinado a ler nas primeiras páginas do jornal *La Prensa*. Ela ensinou sua última filha, a filha da velhice, que nasceu quando ela tinha trinta e cinco anos, a ler antes de mandá-la para a escola, também nas primeiras páginas de *La Prensa*, que meu pai trazia da casa de seus clientes. Mas quando essa última filha nasceu, já havia mais alguns livros em casa.

Minha última irmã nasceu quando eu estava no quarto ano da Escola Normal. Meu pai foi me buscar na estação e me disse: “Tua irmã nasceu esta manhã, depois que tu foi para a escola”. Eu estava com muita raiva e não soube o que dizer. Perguntei então: “E que nome vão dar?”. Meu pai disse: “Diga tu, já que está tão braba”. E eu disse em seguida, porque já tinha pensado nisso: “Amália”. Amália, então, foi a filha dos meus pais e também foi um pouco minha filha: eu a vestia de boneca, com rendinhas brancas, para levá-la passear pela calçada nas tardes de verão. Era loira e fina como minha mãe, embora alguns fofoqueiros dissessem que era minha filha, pela idade que eu tinha então, mas eu era morena como papai. Foi a única das irmãs mulheres que foi à Escola Normal e também ao Magistério. No entanto, foi a única que não passou de professora. Todas as outras fomos diretoras, muito reconhecidas. Minha primeira escola, como diretora, foi a escolinha da rua Olaya. Ali cheguei em 1921, quando a escola recém tinha sido fundada.

Ninguém na minha casa, nem meu pai nem minha mãe, achava que eu seria professora. Desde muito pequena, trabalhava ajudando meu pai na alfaiataria: ele cortava, minha mãe fazia os coletes e as calças, eu cortava os forros das lapelas. Ele saía para fazer as provas nas casas dos clientes, envolvia as roupas em um lençol de linho branco, se vestia bem, sempre andou bem-vestido por seu ofício, e ia para o centro. Era o alfaiate de alguns senhores distintos, me parece, mas nós nunca os víamos. Nós, eu, cortando lapelas. Claro, meu pai sabia que eu tinha que ir à escola primária e fui, primeiro a uma escola de uma única peça, nesse mesmo bairro, que então se chamava Villa Mazzini, onde a professora, tenho certeza, não tinha ido à Escola Normal. E depois, quando meu irmão entrou no primário, passamos para uma escola maior, que ficava a vinte quadras, na frente da igreja redonda de Belgrano, vinte quadras de terra, com meu irmão asmático, ofegante todo o inverno. Mas nós dois gostávamos dessa escola. Ali eu aprendia e as professoras quase não usavam a vara. “Rosita”, me dizia a diretora, “tu sim que é comportada e tem boa memória, boa memória para os versos e declamações e boa mão para o desenho”. Quando nos davam os boletins, levávamos para meu pai: todas boas notas, os primeiros da turma. E meu pai, como se não se desse conta, nos dizia sempre a mesma coisa: “Joguem esses boletins no puchero”. Do seu modo, no entanto, meu pai nos acompanhava. No final de cada curso aconteciam os exames, que nessa época eram públicos: leitura, idioma nacional, história argentina, economia doméstica, exposição de trabalhos, exercícios militares para os meninos. Eu estava muito nervosa ao ver meu pai na escola, cheia de gente, de senhores importantes como o inspetor. Uma vez, eu era muito pequena, quando os exames tinham terminado e todo mundo estava indo embora, me aproximei do meu pai e disse: “O que o senhor faz aqui com essas orelhas?”. Porque meu pai, que estava muito bem-vestido nesse dia, tinha umas orelhas separadas da cabeça, que eu achava cômicas ou me davam vergonha.



Karla Baptista *Nutricionista do idoso*

Intestino, força e alimentação
no dia a dia

CRN-8 15569
@karlacostabap
(41) 98402-3822





RelevO

CAÇA-PALAVRAS

Conhece alguma palavra? Pois veja se a encontra ali pelo meio

I E E O O W D I E T A U I S E G I F
A C C R H A D D L M A R H N T E A L
K N R E E O T N N A E R O M O H T E
S W J O E R R T L E N N H N E M I X
K O P A H T C T E A E O A V A M T Ã
Y S M T O O S T O C R H A C E N T O
F W S S I G I S C A W A M E E E M E
I A I D H R W T E G E B E U H A I M
S N N H D A E N O U T R A I A S I I
I R E S D F A H R D E E D S N L T I
T A I M N I T I E O I D M E A M H P
A G P E S A U M N E A D W C O E M A

- 1. No caça-palavras, essa palavra-caça você.
- 2. Até acho que me lembro da palavra, mas não é essa.
- 3. O “queijo parmesão ralado” das palavras.
- 4. O acento do automóvel.
- 5. O exame médico das palavras.
- 6. O exercício preferido do verbo na academia.



CURADORIA
FEITA POR
PESSOAS.
NÃO
ALGORITMOS.



ITIBAN
COMIC SHOP DESDE 1989

AVENIDA SILVA JARDIM, 845,
REBOUÇAS, CURITIBA-PR

(41) 3232-5367

A Bíblia dos Hereges

<https://tinyurl.com/hereges>

RAMITA
CAFÉS

Grãos das 5 regiões

- Norte
- Nordeste
- Sul
- Sudeste
- Centro-Oeste

• Campo Grande - MS • @ramitacafes • loja.ramitacafes.com.br



Óscar Limache

Tradução de Alessandro Atanes

A lém de César Vallejo, morto há mais de 90 anos, e Blanca Varela, raramente publicada no Brasil, poucos nomes da poesia peruana são lidos em nosso país. É o caso de Óscar Limache (Lima, 1958). Com edições feitas no Peru, México, Cuba e Chile, *Viaje a la lengua del puercoespín* (*Viagem à Língua do Porco-Espinho*) foi publicado pela primeira vez em 1989 após Limache ter vencido o Prêmio Copé de Poesia, o principal de seu país. É uma resposta para *As Cidades Invisíveis* (1972) de Italo Calvino, em que o autor traz para a capital peruana cidades reais, mitológicas ou inventadas. Uma chave de leitura talvez seja “Veneza”, poema sobre as conversas da obra de Calvino entre o viajante Marco Polo e Kublai Khan, no qual Limache revela que o veneziano não havia falado ao imperador de nenhum lugar a não ser de sua própria cidade natal. Em outro poema, a Caná de Jesus é tomada por referências peruanas, como a dança típica marinera, mas sem afirmações de identidade nacional. A língua do porco-espinho — a própria poesia — é o fio que leva os poemas por labirintos de uma erudição com sabor de aventura.

Safi

Partiram as naus de papel
das áridas planícies africanas
há trinta séculos
e ainda saímos todo dia como o sol
nascido entre as águas

Santiago Genovês acolhe o mar
sob sua sombra vazada
e deixa que a balsa nos conduza para o oeste
em sua marcha tranquila

Não sei se haverá outro maio em que aprontemos
nossas naus de papiro após esta viagem truncada

Lá em Yucatán
os templos na selva nos aguardam
cheios de degraus e de cantos
que nos levem à chuva

Veneza

E de qual outra aldeia
acreditas que te falava
todas estas noites
digno Kublai Khan

Grover Mills

*Eu não estava presente em Nova York naquela noite, e
se estivesse presente não teria participado do
pânico geral, não por frialdade de ânimo, mas por
ignorância do inglês.*

Guillermo Cabrera Infante

O rádio era então
como agora a televisão
ou amanhã a parede sonora
uma catedral de madeira e circuitos no meio da sala
um oráculo de bulbos que falava e governava nossos atos
(minha família por exemplo
dançava sua vida em torno das antenas)

Nessa noite de bruxas
enquanto o ar se arqueava com os ritmos de Ramón
Ramírez
desceram do céu as naves
e causaram grandes pavores
na gente que se acreditava dona da galáxia
(minha tia solteirona por exemplo
foi abandonada pelo noivo entre a bruma
quando o pânico se desatou)

Na manhã seguinte
se falaria do jovem artista genial
do auspício das sopas Campbell nas radionovelas
de um vantajoso contrato hollywoodiano
para a equipe completa de atores
e tudo foi final feliz exceto para alguns
(minha avó octogenária por exemplo
negou-se a continuar escutando
as novelas pelo rádio)

Assim foi que depois de uma longa viagem desde seu
planeta vermelho
os marcianos chegaram à terra
e pousaram suas naves
neste mesmo parque onde estamos conversando
entre nuvens de cores e trovões e raios
na véspera do dia de todos os santos
há meio século
às oito em ponto da noite
(para sermos mais exatos)



E se, enquanto caímos, alguma coisa nos distraísse?

Em *Enquanto caía me distraí*, Adriana Massocato transforma a queda em percurso. Dividido em três partes, *Enquanto caía*, *Me distraí* e *Farol*, o livro acompanha um eu lírico que, diante daquilo que o faz desabar, se distrai com outras coisas. Entre identidade, memória, amor, criação e encontro com o outro, a queda deixa de ser apenas um lugar de colapso e passa a ser também um caminho de descoberta.

EDITORAUROUTAU.COM/ENQUANTO-CAIA-ME-DISTRAI

Enquanto caía me distraí
Adriana Massocato

Editora Urutau
84 páginas
R\$ 52,00

@adrianamassocato



Caná

Jesus
não faça a barba
estás muito bem assim
sua mãe tinha lhe dito
e Ele frente ao espelho
tinha guardado o pincel e a navalha

Todos soltamos a gargalhada
quando terminou de nos contar a história
e nos servimos de mais vinho e um pouco mais de cordeiro
(Maria dançava a marinera com um dos padrinhos)

Gostávamos de ouvi-lo quando falava
ainda mais se bebíamos uns tragos

Voltou a nos dizer o conto do pastor
ou foi talvez o do sementeiro
não me lembro muito bem
(tínhamos bebido demais)

O vinho logo acabou e no entanto
apareceram não sei como nem de onde
vinte ânforas do melhor tinto de Surco
e fizemos um brinde
à felicidade dos noivos

Quando o festejo acabou
com os mantos sujos por causa da comida e do pó da
Galileia
ébrios de alegria e empanturrados de histórias
nos colocamos junto a Ele
para a foto de recordação
(ajudado por João o dos livros
atrás da lente Buñuel nos lembrava
que havia sido no meio de uma festa
quando a Ele lhe ocorreu o primeiro milagre)

 **Alessandro Atanes** (1973)
nasceu e mora em Santos (SP).
É ensaísta, jornalista e mestre
em História Social.



Museu do Livro Esquecido
Museu e gabinete de leitura para a história do livro



“O Triunfo da Vaidade: Matias Aires e suas Reflexões”,
exposição prorrogada até outubro de 2026!
Matias Aires, Typografia Rollandiana e gravuras em edições
raras para refletir sobre a vaidade e o fim da vida.
Biblioteca disponível para pesquisa.

Rua Santa Luzia, 31, Sé/Liberdade, São Paulo - SP, 01513-030
(11) 91853-6231
museudolivroesquecido@gmail.com
@museudolivroesquecido

UM ATELIER DE COMUNICAÇÃO

PODCASTS | VIDEOAULAS E
EVENTOS DE BOLSO



Venha nos conhecer:
www.espacodeideias.com.br

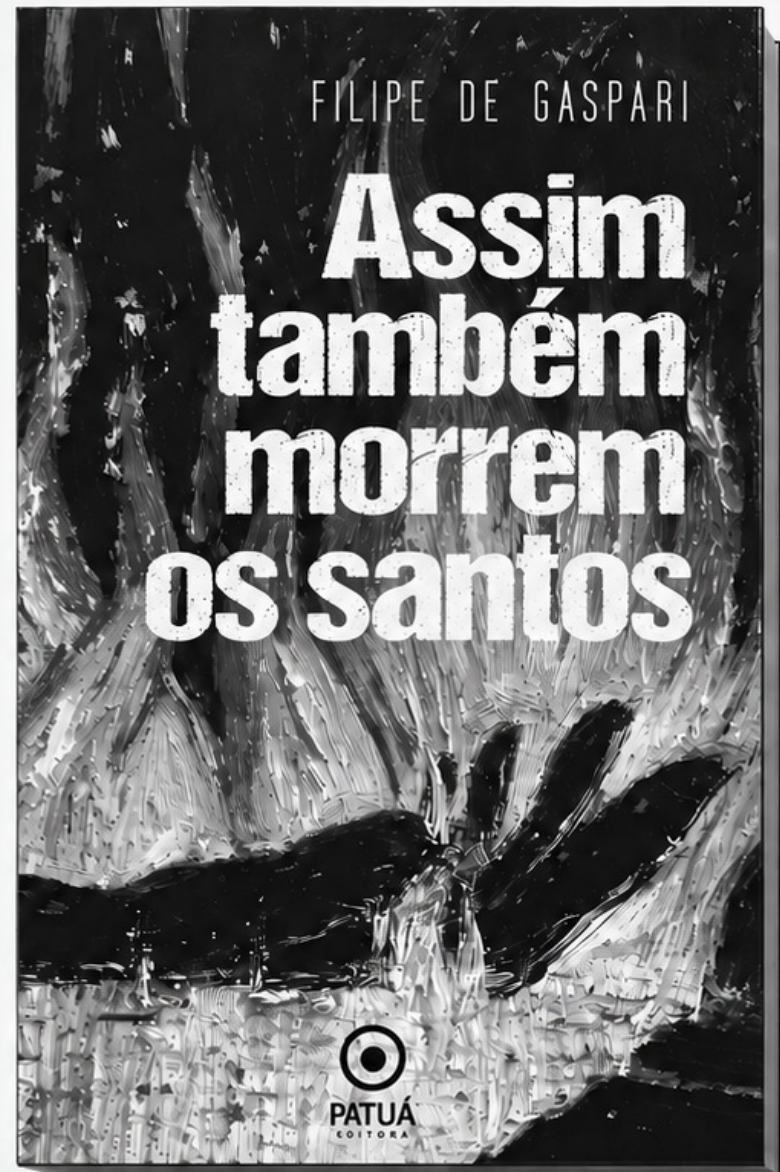
ESPAÇO DE IDEIAS
Affife Mansur, 565 - CWB/PR - Novo Mundo
Na Cidade Universitária Santa Cruz Centro Universitário
WhatsApp: 41 99993-4141





O segundo livro de poemas de Filipe De Gaspari (Editora Patuá) mistura delicadeza com intensidade. Tratando de temas universais, como amadurecimento, medo, amor, erotismo, angústia e religiosidade, experimentações com a linguagem operam como auxiliares fundamentais na compreensão do sentido profundo da enxurrada imagética que atravessa todos os poemas.

Em *Assim também morrem os santos*, os leitores de poesia encontrarão uma intensa carga de lirismo, ao passo que os leitores de prosa terão narrativas competentes ao alcance das mãos.



POEMA EM PROSA

Confira o poema em prosa “*Assim também morrem os santos*”, que dá nome ao livro:

Quando ela deixou o ninho, ele procurou uma caixinha mais confortável, mais vistosa, para realocar os ovos – um por um. A outra, éspora e rude. Mas logo rompe o grito: “Quem mexeu?!”. Mulher sábia e simples, a esposa do caseiro. Os olhos rútilos – do mesmo vermelho dos pintinhos, que começaram a nascer, mas os olhos dela eram menos informes. Silenciosos. “A mãe rejeita quando mexem no ninho”, disse. Ela: pegou a caixa, levou-a mato adentro, regou-a com álcool, riscou o fósforo. Ele: de coração abortado, o pranto em brasa.

COMO ADQUIRIR?

O livro está disponível no site da Editora Patuá:

www.editorapatua.com.br
e também na Amazon.



Pontos de distribuição do Jornal RelevO (é só chegar e pegar!)

Alagoas
MACEIÓ
Livraria Novo Jardim

Amapá
MACAPÁ
Biblioteca Pública Elcy Lacerda

Amazonas
MANAUS
Kalena Café
O Alienígena da Amazônia
Sebo Édipoeira

Bahia
FEIRA DE SANTANA
SerTão Doce
ILHÉUS
Badauê Livros, Discos e Café
JUAZEIRO
Sebo nas Canelas
SALVADOR
Bibliotecas Comunitárias de Salvador (RBCS)
Livraria
Escariz

Ceará
FORTALEZA
Rede Jangada Literária
Reboot Comic Store
JUAZEIRO DO NORTE
Solaris Sebo

Distrito Federal
BRASILIA
Circulares Livraria
Los Baristas Casa de Cafés
Oto Livraria
Quanto Café
Paradeiro 309

Espírito Santo
ANCHIETA
Lúcia Livraria
DORES DO RIO PRETO
A Cafeteria
MARATAÍZES
Marítimo Restaurante e Lounge Bar
SÃO MATEUS
Livraria Sebo & Arte
VITÓRIA
Catraia Livros e Leitura
Cheiro de Livro Sebo

Goias
GOIÂNIA
Casa Pomar
Livraria Palavrear

Maranhão
SÃO LUIS
Rede Ilha Literária

Mato Grosso
CUIABÁ
Raro Ruído
Tcha por Discos - Vinyl Store

Mato Grosso do Sul
CAMPO GRANDE
Banca Modular
Hámor Livraria
Ramita Cafés
DOURADOS
Livraria Canto das Letras
Sebo Café Leitura

Minas Gerais
BELO HORIZONTE
Amoras Café
Café CentoeQuatro Editora UFMG
Livraria Casa Literíssima
Livraria da Rua
Livraria do Belas
Livraria Dona Clara
Livraria Jenipapo BH
Livraria Outlet de Livro
Quixote Livraria e Café
CÁSSIA
Livraria da Praça
ITAJUBÁ
Lume Livraria
Sebo da Cris
OURO PRETO
Rena Café
POÇOS DE CALDAS
Sebo Travessa Cultural
POUSO ALEGRE
Sebo Santa Sofia
SABARÁ
Sou de Minas, Uai
SÃO JOÃO DEL REI
Adro Mais Centro Cultural
Livraria Café Itatiaia
Taberna D'Omar
SÃO TOMÉ DAS LETRAS
Caverna Café
TIRADENTES
Cafeteria Tiradentes
UBERABA
Lemos & Cruz Livraria
UBERLÂNDIA
Domus Brasílis Livraria
Maru Café Especial

Livraria Plural
Sabíá Livros
Samsara Espaço Esotérico

Pará
BELÉM
Casa Arari Livraria e Cafeteria
Livraria Boiúna
Rede Amazônia Literária

Paraíba
JOÃO PESSOA
Abô Botânica e Café
Mun Café
SOLÂNEA
Binário Café

Paraná
ANTONINA
Livraria da Barca
ARAUCÁRIA
Boutique Café
Casa Eliseu Voronkoff
Panificadora El Grano
Porão Cavalo Baio
CAMBÉ
Espacio La Mezcla
CIANORTE
Café 513
COLOMBO
Livraria e Papelaria Colombo
Parque Municipal Gruta do Bacaetava
CURITIBA
Abuela Plantas
Ah! Cafeteria
Ainda Bem Café
Ao Distinto Cavalheiro
Arcádia Sebo & Café
Argenta Cafés
Asteristico Café
Ateliê CADERNO LISTRADO
Baba Salim
Bar do Dante
Bar Makiolka
Bar Otelo Ben Café
Bar Stuart
Barleria
Biblioteca Pública do Paraná
Bonin Bakery
Botanique Oásis
Brains Coworking
BrauBrau
Café 217
Café Cultura (Cabral)
Café do Canto
Café Degusto
Café Demoiselle
Café do Espaço
Café do Mercado
Café do Viajante
Café e Livraria Solar do Rosário
Café Encantado
Café Lisboa
Caffé Per Tutti Juvevê
Casa das Bolachas
Casa Luce
Cataia Bar
Centro Portfolio de Fotografia
Coffeeterie
Colégio Medianeira
Cordelo Café
D'House
Dalat Café
EH Brewing CO.
Emily Doces
Empório Kaveh Kanes
Estação Chelsea
Estação Literária Osório
Estúdio Latino de Design
Estúdio Riachuelo
Fabrika Pães & Café
Fingen Café
Five Lab
Floreria Café Bar
Fubá Café
Fuga Café
Fundação Cultural de Curitiba
Gabo Livros
Gerência Faróis do Saber
Giardino Café
Gisele Farias Estética Avançada
Go Coffee Água Verde
Grimm Haus Sebo & Livraria
Isis Café
Janaíno Vegan Bar
Joaquim Livraria
Jokers Bar
JoyJoy Café
Kaffe-Kantate Cafés Especiais
Klas Café Torrefação & Cafeteria
La Belle Époque
Liquori da XV
Livraria Arte & Letra
Livraria do Chain

Livraria Vertov
Love City
Mabu Hotel
Maçã Padaria
Macro Bar e Pista
Mad Jack Beer Lab
Mafalda Café e Bistrô
Maitê Livros
Mamãe Urso Café
Manana Cafés (Bigorrilho)
Manana Cafés (Centro)
Manekos Bar
Maniacs Brewing Co
Manifesto Café
MediaLuna Café
MoaCoa Café
Nex House
O Pensador
O Próximo Café
Obrigado Pelos Transtornos
Oba Sebo e Livraria
Onça Bêbada
Ópera Arte
Ópera Garden Café
Ostra Bêbada
Oz Chocolate
Pão Prosa
Padaria América
Pango Café & Bar
Páprica Vegan
Pátio Café
Provence Boulangerie
Purple Cat
Purple Reis
Quintal do Almirante
R7 Pub
Rango de Planta
ROS Coffee, Wine & Cocktails
Royalty Café
Sala Café Living
Santa Cruz Centro Universitário
Savarin Music
Schnaps Bar
Sebinho FATO Agenda
Sebo Kapricho Comendador
Sebo Releituras Centro
Sebo Releituras Portão
Sebo Santos
Sebo Urucum
SESC Paço da Liberdade
Space Cat
Supernova Coffee Roasters
Tangerina Café
Teatro Enio Carvalho
Teatro Guaira Comunicação
Teatro José Maria Santos
Telaranha Livraria e Café
Temporal Cafés Especiais
Tumi Café
UFPR Prédio Histórico
UFPR Reitoria
UP Santos Andrade
UTFPR Bloco E
Utopia Tropical Chocolates
Veg e Veg
Vicafé
Viva la Vegan
FOZ DO IGUAÇU
Consciência Café
Europa Bar Livraria Kunda
GUARAPUAVA
Gato Preto Discos e Livros
GUARATUBA
Odara Cafés Especiais
LONDRINA
Kings Café & Bar Londrina
Nosso Sebo
Olga A Livraria da Cidade
MARINGÁ
Kings Café & Bar Maringá
Tamura Café Especial
The Kingdom
MORRETES
Meu Pé de Serra Café
Solar de Morretes Hospedaria
Casa 1915 Pousada
PATO BRANCO
Alexandria Livraria e Cafeteria
PINHAIS
Café com Lente Jardins
Estação Curitiba Café
PONTA GROSSA
Cripto Cultural
Phono Pub
Sebo Espaço Cultural 1
Sebo Espaço Cultural 2
Verbo Livraria
SÃO JOSÉ DOS PINHAIS
Sebo da Visconde
SARANDI
Espaço Musical Roberto Rezende

Pernambuco
PETROLINA

Café de Bule
RECIFE
Borsoi Café
Café Celeste Casa Mendez
Livraria da Praça Livraria do Jardim
Livraria Pô de Estrelas
Releitura
GRAVATÁ
Casa Mendez

Piauí
TERESINA
Café Quatro Estações

Rio de Janeiro
BÚZIOS
Maria Maria Café
CABO FRIO
Sebo do Lanati
DUQUE DE CAXIAS
Tecendo uma Rede de Leitura
MACAÉ
Sebo Cultural Livraria & Cafeteria
NITERÓI
Livraria Ponte
NOVA FRIBURGO
Dona Emília Books
Genipapo Livraria
NOVA IGUAÇU
Baixada Literária Comunitária Judith Lacaz
PARATY
Livraria das Marés
Livraria de Paraty
Livraria Muvuca
Mar de Leitores
Montañita Cafés Especiais
RIO CLARO
Empório Rûže
RIO DE JANEIRO
Biblioteca Marginow
Blooks Livraria
Capitu Café Casa 11 Sebo e Livraria
Casa Marx
Jacaré Livros
Livraria Alento
Livraria Berinjela
Livraria Ceci
Livraria e Edições Folha Seca
Manga Rosa Café
Marofa Bar
Patas Café
Pequeno Lab
Solar dos Abacaxis
Triuno Livraria
TRÊS RIOS
Livraria Favorita
VOLTA REDONDA
Beleléu Comics
Diadorim Livros e Ideias Pontual Shopping
Livraria Flamingo

Rio Grande do Norte
NATAL
Sebo Cata Livros
Sebo Rio Branco
PARNAMIRIM
Kave Casa Literária

Rio Grande do Sul
BENTO GONÇALVES
Dom Quixote Livraria e Cafeteria
Paparazzi Livraria
CANELA
Empório Canela
CANOAS
Pandorga Livros
CAPÃO DA CANOA
Livraria Praiamar
CAXIAS DO SUL
Do Arco da Velha Livraria & Café
ERECHIM
Agridoce Livraria e Sebo
GRAMADO
Mania de Ler Bookstore
PELOTAS
Livraria Vanguarda Pelotas
PORTO ALEGRE
Ábaco Distribuidora e Livraria
Brasa Editora Livraria e Bar
CirKula Editora, Livraria e Café
Livraria Clareira
Livraria Paralelo 30
Macun Livraria e Café
Nerdz
Rede Beabah
Sebo Fulô
Sonda Pop Store
Ventura Livros
Via Sapiens Livraria & Editora
Zine Bar & Livraria
RIO GRANDE
Livraria Vanguarda Rio Grande
Livraria Vanguarda Partage Shopping
SANTA CRUZ DO SUL
Livraria e Cafeteria Iluminura
SANTA MARIA
Livraria e Grife UFSM

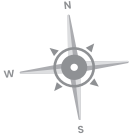
SANTANA DO LIVRAMENTO
Ponto do Livro
SÃO FRANCISCO DO SUL
Miragem Livraria

Rondônia
CACOAL
Nostalgia Sebo e Livraria
PORTO VELHO
Sebo Entrelinhas
VILHENA
Dom Quixote Livraria

Roraima
BOA VISTA
Cafeteria Barracão do Poeta
Flying Fox Café

Santa Catarina
BALNEÁRIO CAMBORIÚ
Acaiaí Café ArtHouse BC
Cápsula Livraria
BLUMENAU
Rocinante Sebo
CAÇADOR
Livraria Selva Literária
CHAPECÓ
Humana Sebo & Livraria
CRICIUMA
Sebo Alternativo
FLORIANÓPOLIS
Livraria Latinas
O Barbeiro e O Poeta
JOINVILLE
Ambiente Arejado
Casa 97
Koda Café Bistrô
Salvador Vegan Café, Livros e Discos
LAGES
Livraria Sebo Marechal
PORTO UNIÃO
Porto Presentes Papelaria
SÃO BENTO DO SUL
Dom Quixote Livros
TUBARÃO
Consulato Livraria
VALINHOS
Livraria Armazém

São Paulo
AMPARO
Livraria Maria & Francisca
ARARAQUARA
Livraria Murad Sebo
BOITUVA
Sebo Bom & Barato
BOTUCATU
Sebo Alfarrábio
CAMPOS DO JORDÃO
História sem Fim
CAMPINAS
Café Arte & Cultura
Coelho Branco Café Secreto
ESTRELOTECA Biblioteca Comunitária
Iluminações Livraria
Livraria Candeeiro
Sabíá Discos
Sebo Porão
Sebo Contracultura
Sebo das Andorinhas
COTIA
Livraria 3x4
DIADEMA
Sebo Campanário
FRANCA
Almanaque Livraria e Sebo
GUARULHOS
Guarulvivos
ILHA COMPRIDA
Pousada Canto da Ilha
ILHABELA
Livraria Canoa Ilhabela
ITATIBA
Livraria Toque de Letras
ITUPEVA
Livraria e Sebo Pedras Preciosas
JUNDIAÍ
Livraria Leitura
MOGI-MIRIM
Banca do Sardinha
MONTEIRO LOBATO
Livre Livraria
PENÁPOLIS
Arcana Sebo e Taverna
PIRACICABA
Sebo do Formiga
POÁ
Rara Books Livraria
RIBEIRÃO PRETO
A Degustadora de Histórias
Livraria da Travessa Ribeirão
SANTOS
Livraria Sol e Lua
Realejo Livros
SANTO ANTÔNIO DO PINHAL
Livraria Mantiqueira
SÃO BERNARDO DO CAMPO



5 PAÍSES

136 CIDADES

454 PONTOS

Mandú Café

SÃO CAETANO DO SUL

Casa das Ideias

SÃO CARLOS

Livraria EDUFSCAR

SÃO JOÃO DA BOA VISTA

Bonnie Book Livraria & Café

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

Livraria Casa Nynho

Livraria do Espaço

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Livraria Mantiqueira

Livraria e Papelaria Amo Ler Oriente

Livraria Planalto

SÃO PAULO

A Banca de Livros

Antroposófica Editora e Livraria

Banca Tatui

Bar Balcão

Bibla

Boutique dos Livros

Café Colombiano

Café no Jardim 53

Caledônia Whisky & Co

Casa Brasília

Casa Cosmos

Casa de Livros

Cidade de Papel

Circulo Livraria

Clarice Café & Cozinha

Coffee Lab

Comix Book Shop

Diálogos Embalados e Viagens Pedagógicas

Espaço Sophia

Flanarte Livraria

Instituto Sarath

La Libreria

Livraria Bandolim

Livraria Cabeceira

Livraria Caraibas

Libreria Española e Hispanoamericana

Livraria da Tarde

Livraria das Perdizes

Livraria Footnoir

Livraria Lovely House

Livraria Na Nuvem

Livraria NoveSete

Livraria Ponta de Lança

Livraria Sentimento do Mundo

Livraria Simples

Livraria Tutear

Livraria UNESP

Livraria Zaccara

LiteraSampa - IBEAC

Lop Lop Livros

Mi&Mo Gato Café

Mundos Infinitos

Museu do Livro Esquecido

N'alma Café

Nigra Koro Distro

O Bode Quirino Café e Livraria

O Café da Ponta

Patuá Discos

Patuscada Livraria, Bar & Café

Sabíá Discos

Sebinho da Helô

Sebo Alternativa

Sebo Desculpe A Poeira

Sebo do Messias

Sebo Pura Poesia

Sebo Tucambira

Sebusp Livros

Selecta Livros

Siriema Coffee Roasters

Sissi Café Secreto

sobinfluência

UGRA PRESS

VINHEDO

Sebo Vinhedo

Sergipe

ARACAJU

Livraria Escariz

Tocantins

PALMAS

Sebo da Vovó

Além das fronteiras

ESSEN (ALEMANHA)

Pension Pötters

PUERTO IGUAZÚ (ARGENTINA)

Tao Librería de Iguazú

LETICIA (COLOMBIA)

CUBO Blanco Galería de Arte & Café Cultural

RIVERA (URUGUAI)

Eclipsamor Libros

Pesadelo

Paulo César Pinheiro e Maurício Tapajós

Quando o muro separa, uma ponte une
Se a vingança encara, o remorso pune
Você vem me agarra, alguém vem me solta
Você vai na marra, ela um dia volta
E se a força é tua, ela um dia é nossa
Olha o muro, olha a ponte,
 olhe o dia de ontem chegando
Que medo você tem de nós, olha aí

Você corta um verso, eu escrevo outro
Você me prende vivo, eu escapo morto
De repente, olha eu de novo
Perturbando a paz, exigindo o troco
Vamos por aí eu e meu cachorro
Olha um verso, olha o outro
Olha o velho, olha o moço chegando
Que medo você tem de nós, olha aí

O muro caiu, olha a ponte
Da liberdade guardiã
O braço do Cristo, horizonte
Abraça o dia de amanhã

Olha aí
Olha aí
Olha aí



Paulo César Pinheiro (1949) nasceu e mora no Rio de Janeiro (RJ). É o maior letrista brasileiro.

Maurício Tapajós (1943–1995) nasceu no Rio de Janeiro (RJ). Foi compositor, instrumentista, produtor musical e também arquiteto.